# NOVA IMAGEM

Outubro de 1985 – n.º 0

Revista interna do IBGE

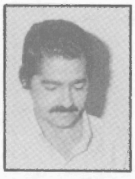
## O IBGE por este Brasil adentro

## Sumário


Agente de Coleta: Uma peça Indispensável na Engrenagem da Empresa ..... 4

A Seleção Volta ao México .... 7

"Ensaio": O Sistema IBGE de Recuperação Automática ..... 10



"Participação": Tempo de Integração ..... 12

"Umas e Outras"..... 13

Nasceu a Nossa Revista. Agora Vamos Dar o Nome..... 17

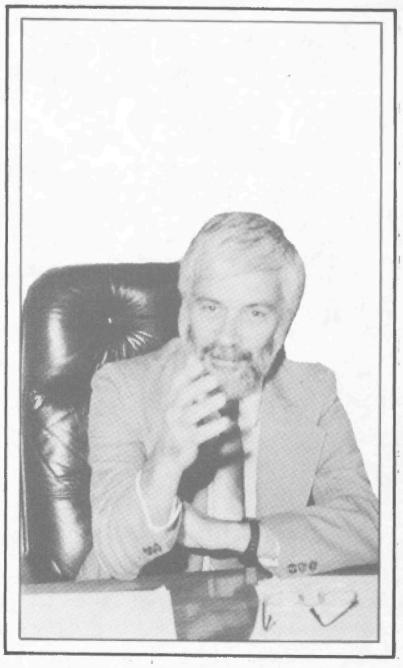
DGC: Traçando o Certo com Linhas Tortas..... 18

Delegacia de Pernambuco: Ajudando o IBGE a Revelar o Perfil do País..... 23

Capa: Cerâmica figurativa de Sueli, de Caruaru, Pernambuco. Foto de H. Chagas. Produção de Sérgio Lopes.

# Com a palavra, Edmar Bacha, nosso Presidente

Há muito tempo que Abelardo Chacrinha Barbosa vem advertindo: "Quem não se comunica se trumbica". Nós, ibgeanos, entretanto, temos ignorado este aviso em nosso relacionamento interno. Somos uma grande instituição que se desconhece a si mesma. Faltando a informação, correm soltos o fuxico e o disse-que-me-disse, que promovem a desagregação interna.



Nesses primeiros meses estivemos muito ocupados com a reconstrução da imagem externa do IBGE e com a composição da equipe dirigente — especialmente com o trabalhoso processo de escolha dos delegados. O tempo gasto nisto foi excessivo sem dúvida, mas inevitável. Era preciso separar o joio do trigo, mostrando à sociedade brasileira que o IBGE não pode ser incriminado pelos desmandos do passado, pois deles também foi vítima. Também era preciso garantir um reencontro harmonioso da técnica com a política, assegurando que a escolha dos diretores e dos delegados fosse feita em nome do bem comum e não do interesse particular.

Acho que fomos bem sucedidos em ambas as tarefas. Podemos agora colocar as mãos à obra, para a construção de um Novo IBGE, à altura da mística ibgeana e dos desafios da Nova República.

Esta revista é parte importante dessa construção. Será através dela que procuraremos nos conhecer melhor — como gente, como funcionários, como instituição. Por enquanto, ela se chama apenas Nova Imagem. Seu nome definitivo será dado pelos próprios funcionários, através do concurso anunciado na página 17.

O Novo IBGE será uma construção coletiva, erguida na base do entusiasmo e da dedicação de seus funcionários. Os propósitos mais amplos da nova administração estão em meu discurso de posse e não carecem de repetição. Mesmo porque foi o próprio Ministro Sayad quem deu, breve e precisa, a melhor definição de nossa missão: "aqui se produzem os mapas do Brasil".

Nossa tarefa é a de tornar o Brasil conhecido dos brasileiros. A desta revista é fazer o IBGE conhecido dos ibgeanos. Leiam este primeiro número e nos mandem dizer o que acharam.

Edmar Bacha

# AGENTE DE COLETA

## Uma peça indispensável na engrenagem da Empresa

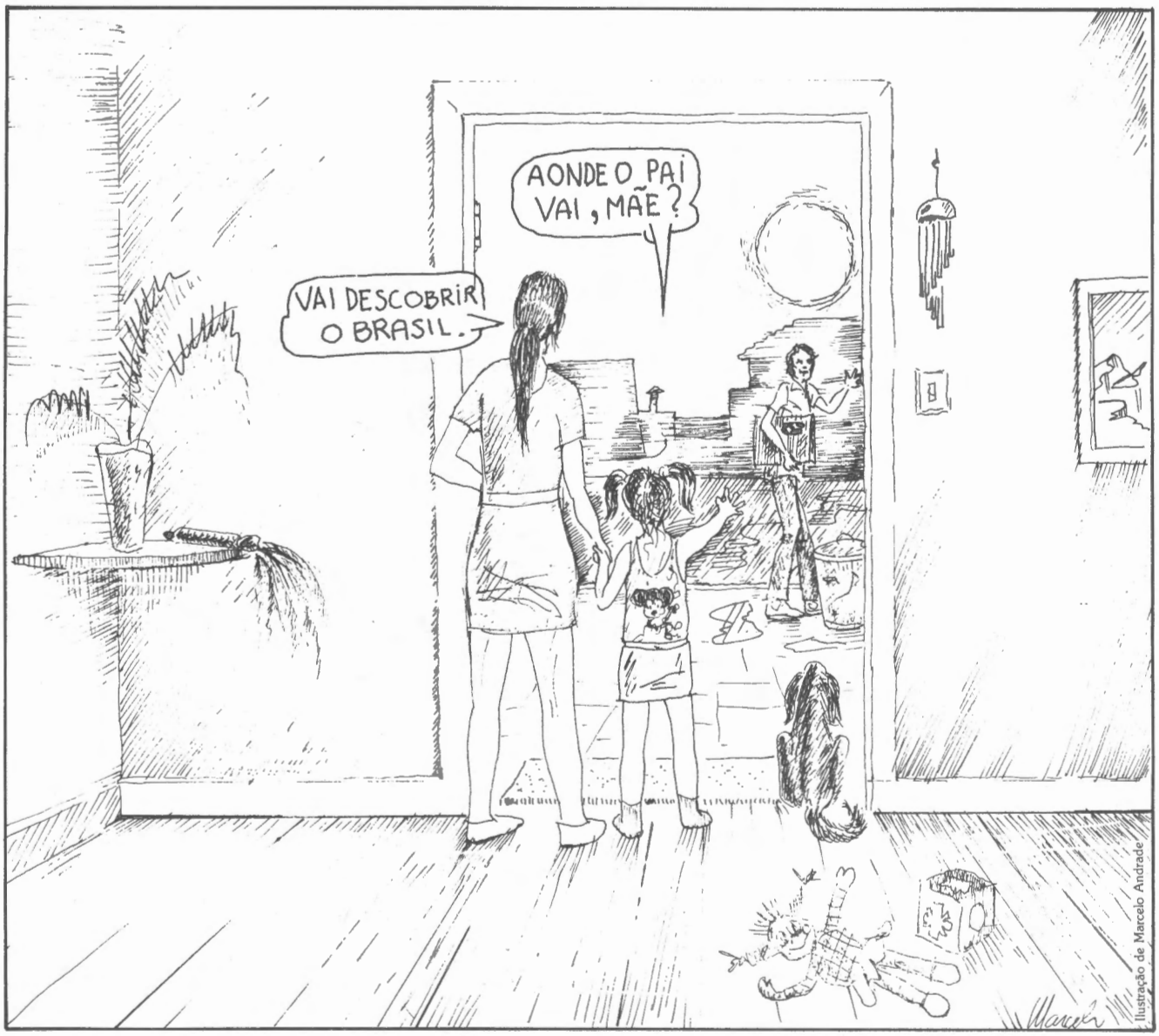



Ilustração de Marcelo Andrade

Segundo o Diretor-Geral Regis Bonelli, o agente de coleta é "a raiz de onde extraímos as informações vitais para o nosso trabalho". Nesta reportagem, você vai conhecer o perfil profissional destes companheiros e algumas de suas curiosas histórias.

Carregando formulários debaixo do braço e exibindo o seu ar de nordestino pacato, o jovem Carlos Portela entrou no mercado público de Prazeres, em Jaboatão, na chamada Grande Recife.

Dirigiu-se a um dos boxes e explicou ao proprietário a razão de sua visita: levantamento para o Censo Econômico. Às primeiras perguntas da entrevista, o comerciante respondeu com presteza, mas depois concluiu que aquele estranho estava "querendo saber demais".

Pior para Carlos Portela. Levou um empurrão e viu reluzir à sua frente a lâmina de sete polegadas de uma peixeira, empunhada pela mão nervosa do entrevistado:

— Vai embora, cabra — ordenou o comerciante. — E não volta não que eu corto o seu pescoço.

O assustado entrevistador saiu de fininho, regressou à sede e relatou o fato ao seu supervisor. Depois de a ocorrência ter sido registrada na Delegacia Policial de Prazeres, ele pôde continuar seu trabalho no mercado público, mas com a proteção de dois policiais militares.

Na região do Pantanal Matogrossense, poucos dias depois um colega seu também teve de regressar à sede levando no rosto as indisfarçáveis marcas do pânico. Ao atravessar um rio, montado em lombo de cavalo, foi picado por uma cobra dágua numa das nádegas e teve de cavalgar o longo caminho da volta apoiado só na outra. Um colega brincou com ele:

— Tem que tomar cuidado. Aqui o perigo abunda.

**Um porre**

Os dois são agentes de coleta do IBGE. Aventureiros? Não. Profissionais cujo trabalho fornece a matéria-prima (as informações) para o nosso produto final. Como os seus quase 3.500 colegas distribuídos por todo o país, eles são uns heróis anônimos que fazem da coragem mais um instrumento de trabalho. Cada vez que deixam suas bases para realizar serviço de campo, levam apenas uma certeza: dificilmente aquele dia será igual ao anterior.

Que o diga José Augusto Marques de Lemos, há 13 anos na Empresa. José Augusto era supervisor em 1981 e teve de recorrer ao bom senso para solucionar um impasse que havia surgido com um de seus agentes de coleta, homem religioso e avesso às coisas mundanas. Designado para realizar levantamentos na favela Vila Cruzeiro, Zona Norte carioca, ele preferiu pedir transferência de área ao seu supervisor a cair em pecado.

Foto de Bráulio Nunes Ferreira

*Portela: fugindo da peixeira*

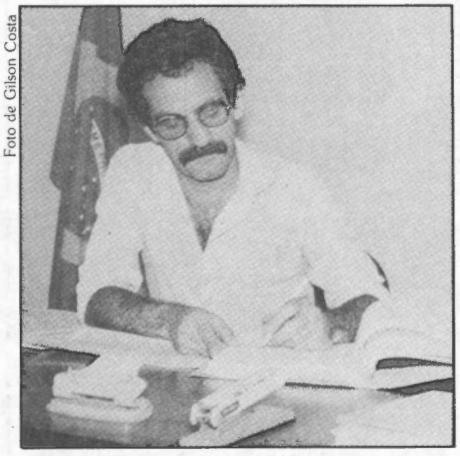


Foto de Gilson Costa

*José Augusto: histórias pra contar*

Toda vez que começava a subir o morro, esbarrava com a valentia do "xerife" da favela, uma espécie de "autoridade" do lugar, invariavelmente com os cotovelos apoiados no balcão de uma birosca e tendo à sua frente um copo de cachaça.

— Vem cá, meu camarada — chamava- o xerife—Cê vai tomar uma comigo.

Se o nosso colega agente de coleta mantinha uma fé inabalável na vida eterna, também não chegava a desprezar a vida terrena. Portanto, tratava de aceitar o convite, queimando o estômago e maculando a alma. Para seu desespero — que heresia! — ainda era obrigado a dar um gole "pro santo". A vida para ele, estava "um porre".

Sensível à sua aflição, o supervisor José Augusto o designou para outra área, determinando que um colega passasse a cobrir a Vila Cruzeiro. Melhor para este colega. Bem chegado a uma birita, ele aceitava prazerosamente as ofertas do "xerife" e dizem até as más línguas que os dois acabaram se tornando compadres.

O inesperado está sempre à espreita desses nossos companheiros. Domingos Elias Schanoski, 21 anos de IBGE, 10 deles como agente de coleta da Delegacia de São Paulo, nos mostra um caso que presenciou:

— Foi em Jundiaí, interior de São Paulo, durante o censo de 1970. Eu era supervisor e uma recenseadora me procurou se queixando de uma moradora do lugar, forte e violenta, que se recusava a lhe prestar qualquer informação. Eu então resolvi ir até lá.

Na casa, Domingos não viu a mulher "forte e violenta", mas um homem de gestos calmos e corpo franzino que não se fez de rogado e começou a lhe prestar informações. A entrevista teria sido coroada de êxito, não fosse a dona da casa entrar pela sala com seus passos largos, braços abertos e os olhos brilhando de ódio. Não disse nada: aproximou-se, pegou o marido pelo colarinho e aplicou-lhe uma tremenda surra diante do espantado Domingos.

Como o bom senso sugere que ninguém deve se meter em briga de marido e mulher, nosso Domingos caiu fora e, a exemplo de Portela, também procurou proteção militar. Talvez tenha exagerado: regressou à casa da furiosa mulher em companhia de um sargento do Exército, que garantiu a conclusão do seu trabalho e a integridade física do indefeso marido.

Hoje, Domingos contempla o passado com uma boa dose de humor. E se tivesse de começar faria tudo de novo, pois o trabalho "tem também o seu lado compensador":

— A vida do agente de coleta se torna um apostolado. Acima de tudo está a sua dedicação. E é esta dedicação que tem feito o IBGE ser esta organização que hoje é.

**Pergunta infeliz**

O lado compensador a que se refere Domingos pode ser, segundo seu colega José Frutuoso, da Agência de Carpina, na Zona da Mata pernambucana, o "contato humano". Formado em Geografia pela Universidade Católica de Pernambuco, ele se diz consciente da importância do seu trabalho ("Gosto do que faço") e, durante sua execução em campo, vai cole-

cionando um rosário de amizades.

Aliás, amizade não foi o que conseguiu um agente de coleta do Piauí, conforme relato de Pedro Nogueira, de 55 anos, 27 dos quais dedicados à coleta de dados na Delegacia do Piauí. Ele nos conta que durante um Censo Demográfico emitiu-se aviso para que as pessoas não se ausentassem de suas casas em determinado período, a fim de facilitar os trabalhos de levantamentos.

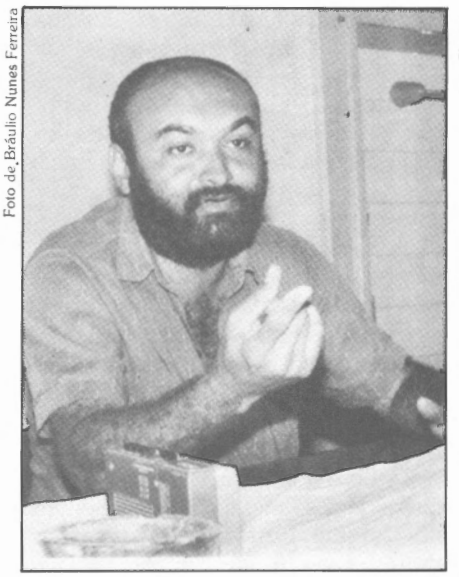
Um agente de coleta foi entrevistar uma mulher em sua residência e ao entrar na sala: havia tapetes, aparelhagem de som, televisão a cores. Quando o morador lhe disse que ganhava salário mínimo, o agente não se conformou:

— Pera aí, amigo — disse ele. — Como é que o senhor pôde comprar tudo isso ganhando salário mínimo?

O informante acabou com a entrevista na hora:

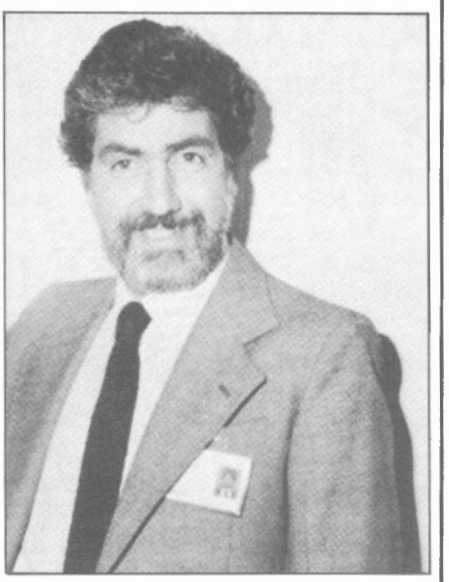
— O senhor veio aqui para fazer entrevista ou para tomar conta da minha vida? Pode ir embora que não dou mais informação nenhuma.

Foto de Bráulio Nunes Ferreira



*Frutuoso: consciência profissional*

Foto de Hemodino Chagas



*Bonelli: "agente é elemento-chave."*

meçou perguntando-lhe nome, idade, religião, obtendo precisas e gentis respostas. Mas, quando quis saber o número de pessoas presentes na casa no período estipulado no aviso, não foi muito feliz na pergunta:

— Quem dormiu aqui na noite de 31 de agosto para 1.° de setembro?

A mulher indagnou-se e esbravejou:

— O quê? O senhor devia me respeitar, tá ouvindo? Eu sou viúva, moro só, mas sou mulher séria, seu safado.

Nosso agente desculpou-se e não teve, como seus colegas de São Paulo e Jaboatão, de recorrer às forças militares para concluir seu trabalho.

Como se vê, uma pergunta mal formulada pode criar problemas tanto para o próprio agente como ao bom andamento do serviço. José Augusto de Lemos, do Rio de Janeiro, tem um exemplo de como um agente não deve proceder.

— Certa vez — ele lembra —, um agente foi fazer uma entrevista num barraco de favela e impressionou-se

Curiosidades e irreverências à parte, é preciso que todos tenham a verdadeira medida da importância do trabalho destes companheiros. "A base do IBGE é o agente de coleta", afirma José Frutuoso. "A pesquisa que a gente faz vai levar os dados para todo o Brasil. Uma pesquisa mal feita traz enormes prejuízos para o trabalho. Assim, o agente de coleta é fundamental no IBGE. Ele precisa ser atento e saber superar os momentos mais delicados.

A Empresa concorda. Tanto que o Diretor-Geral Regis Bonelli recomenda aos agentes de coleta que sejam habilidosos, a fim de contornarem situações difíceis que surgem no seu dia-a-dia. E discretos, desembaraçados, bem apresentados. Afinal, eles são os representantes da Empresa num contato mais próximo com o informante".

— O agente de coleta é o elemento-chave, a raiz de onde a gente extrai as informações vitais para nosso trabalho — conclui Regis Bonelli.

## Como é, o que faz

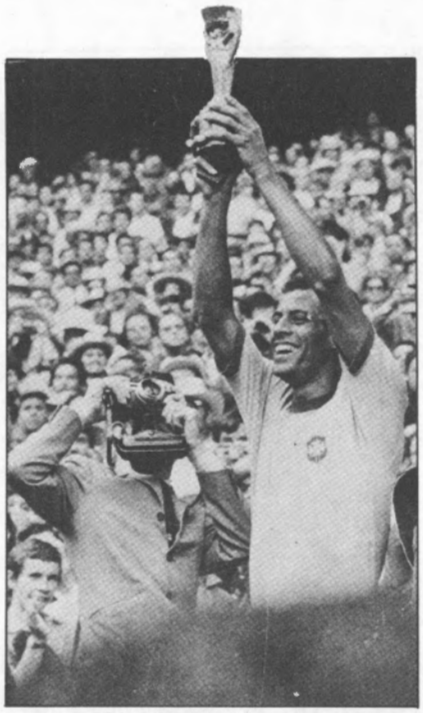
Para ser agente de coleta, o candidato precisa possuir o primeiro grau completo, ter no mínimo 18 anos de idade e estar em dia com o serviço militar, se for do sexo masculino. A Empresa não exige experiência.

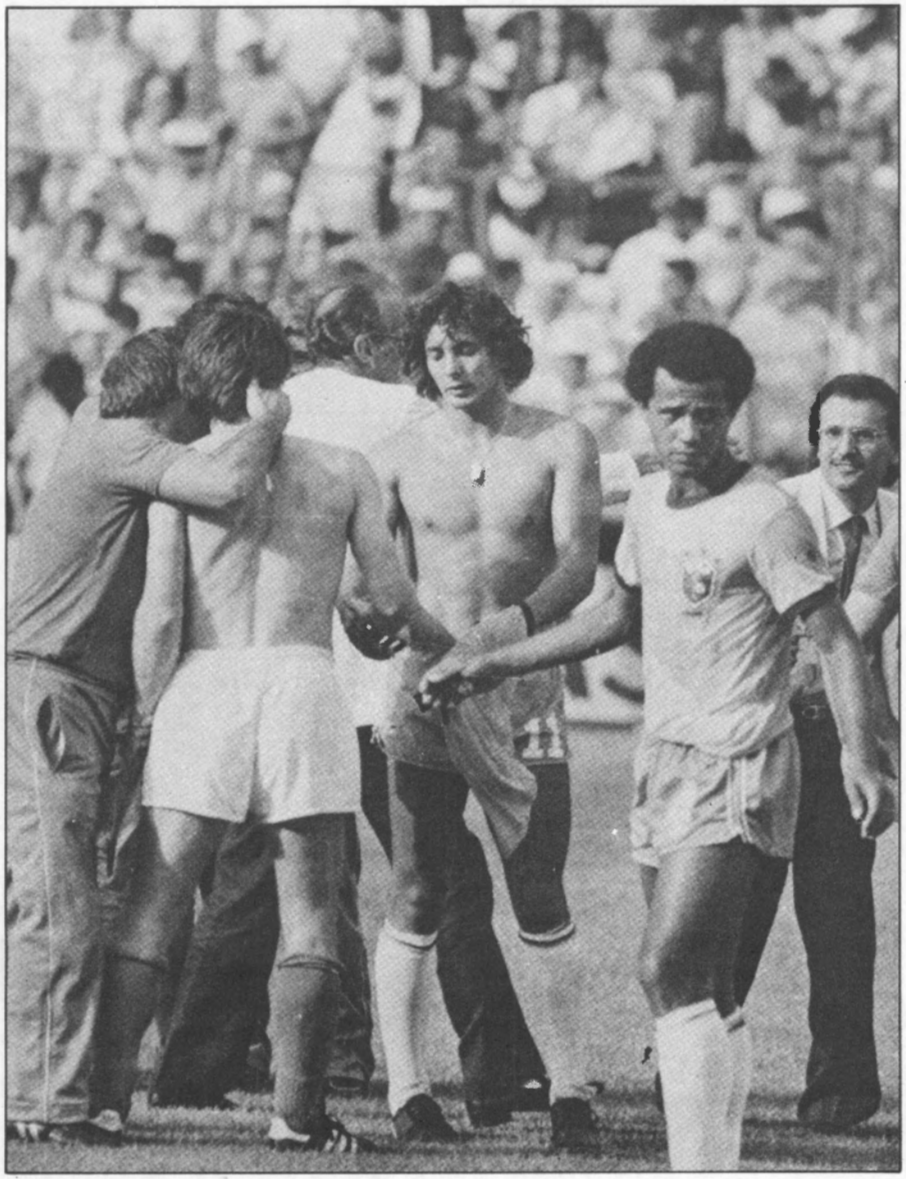
As tarefas são:

- Relacionar dificuldades geográficas, climatológicas e sócio-econômicas, tais como: distância a percorrer, épocas de cheias dos rios, precariedade dos meios de transporte e outras, tendo em vista o desenvolvimento dos trabalhos de coleta de dados.
- Coletar dados, através de formulários, de questionários e entrevistas, junto a empresas, entidades governamentais, residências etc, para fins de pesquisa (demográfica, econômica, social, cultural, administrativa, política etc.).
- Criticar informações de questionários, examinando-os quanto ao seu preenchimento, confrontando-os com anteriores e assinalando as respostas duvidosas para esclarecimentos, a fim de assegurar a veracidade da informação.
- Sanar, junto aos informantes, as informações falhas ou incorretas.
- Coligir e cadastrar, em fichas ou outros documentos, dados inerentes a informantes em geral.
- Atualizar, periodicamente, o mapa do município ou municípios sob sua jurisdição, baseando-se no material disponível, obedecendo instruções e convenções, tais como: limites, acidentes geográficos e outros aspectos que devem figurar nos mapas cartográficos.
- Elaborar relatórios periódicos das atividades desenvolvidas e submetê-los à apreciação do chefe imediato.
- Participar, eventualmente, de reuniões, examinando formulários e respectivas instruções, com vistas à eficiência dos dados a coletar.
- Manter contactos em geral, prestando informações e esclarecimentos sobre assuntos de sua competência, excetuando-se os de caráter sigiloso conforme previsto na Lei n.° 5.534, de 14-11-68.

Fonte: Manual de Recursos Humanos.

# A Seleção volta ao México. Vamos repetir a façanha de 70?





*"O lançamento é para Carlos Alberto, na direita. Recebeu, atenção, chutou, é goooll do Brasiiiiiil!"*

A voz emocionada do locutor se misturou aos estampidos dos foguetes e aos gritos dos 90 milhões de brasileiros que, olhos grudados na televisão, viram o "capitão" definir a partida contra a Itália.

O Brasil tinha assegurado, assim, a conquista definitiva da Taça Jules Rimet. Nas ruas do País inteiro, o povo iniciou um verdadeiro carnaval, esquecendo o momento negro que a nação vivia naquele ano de 1970. A Seleção voltou para casa e foi recebida com euforia por torcedores e autoridades: Era a "pátria de chuteiras".

Quatro anos mais tarde, a Seleção, ao som do mesmo "pra frente Brasil", amargava a derrota na Alemanha. Depois, foi a decepção em gramados argentinos e, mais recentemente, em 1982, a desilusão na Espanha. Inspirada no samba do lateral Júnior, a Seleção Canarinho voou nas asas da presunção e não foi muito longe. Desclassificou-se.

**Corrente pra frente**

Agora, começa tudo de novo. A Seleção volta ao México com a pretensão de reaver a hegemonia no futebol mundial. Já não serão "90 milhões em ação", como cantava a marchinha de Miguel Gustavo, mas um número maior de brasileiros a formar a "corrente pra frente". E, a

# Ou sentir o gosto amargo da derrota, como na Copa da Espanha?

julgar pela atuação dos nossos jogadores nas eliminatórias, a Seleção precisará mesmo de um empurrãozinho da torcida.

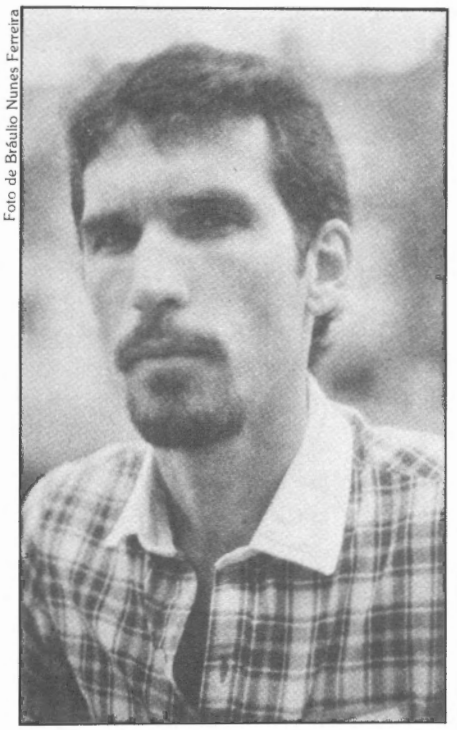
Na verdade, a poucos meses da Copa não se pode dizer que a Seleção está formada. Formou-se, isto sim, uma equipe para disputar os jogos da fase eliminátoria, que, com atuações medíocres, chegou a fazer balançar a esperança de muitos brasileiros. Conquistado, a duras penas, o direito de ir ao México, a equipe foi desfeita e os jogadores retornaram a seus clubes para a disputa do Compeonato Nacional. Desta equipe, não se sabe quais jogadores integrarão a Seleção na Copa de 86. E até mesmo craques consagrados, como Zico, têm presença questionada pela imprensa esportiva do País. Afinal, o chamado "Galinho" cresceu e já não é mais o menino-prodígio, com os seus 32 anos.

Outros jogadores festejados e de reconhecido talento — como Sócrates, Falcão, Júnior, Cerezo e Edinho — também já ingressaram na casa dos 30 anos, idade em que, salvo honrosas exceções, os atletas iniciam a fase de declínio. Onde então iremos buscar os jogadores que tentarão sacudir os estádios mexicanos, como o fizeram Pelé, Rivelino, Jairzinho, Tostão e Cia? — perguntam-se os mais realistas.

Foto de Hermodino Chagas

*Elizabeth Vicente, DEC (Rio)*

Foto de Bráulio Nunes Ferreira



*Democlacides, DEGE-PE*

É bom lembrar, como observa nossa colega Elizabeth Vicente de Souza, da Diretoria de Economia, em Mangueira, Rio de Janeiro, que "a experiência dos antigos jogadores vale muito, mas o preparo físico é importantíssimo". Mesmo assim, ela acha que não se pode abrir mão de um jogador do talento de Zico, enquanto deposita sua fé também na garra de Júnior, Leandro e Careca.

Grande parte dos nossos "técnicos" defende uma total renovação. É o caso do corintiano Adolfo Meneses de Carvalho, motorista da Delegacia de São Paulo, que assistiu a todos os jogos da fase eliminatória e se espantou com o desgaste de alguns de nossos craques:

— Acredito na vitória — diz ele — desde que haja uma grande mudança no time.

Zico não concorda com Adolfo. Ele acha que idade "não tem nada a ver":

— O que importa — assegura o atacante do Flamengo — é o jogador estar bem fisicamente e praticando um bom futebol.

**No banco**

Se nosso colega Democlacides Bezerra de Melo, da Delegacia de Pernambuco, fosse o técnico da Seleção. o ponto de vista de Zico jamais prevaleceria.

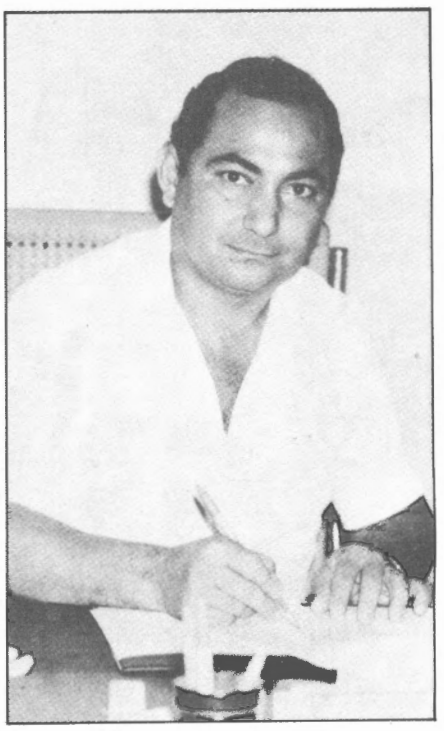
— Acho que alguns jogadores desta última Seleção deveriam ficar no banco para qualquer eventualidade e dar chances a novos valores — comenta o nosso colega. — Não se justifica a presença de "medalhões", forçada pelos "cartolas".

Nas eliminatórias, a equipe brasileira venceu, mas não convenceu. E chegou mesmo a decepcionar os mais entusiasmados, como João Avelino, da Delegacia do Acre. Mas, embora revele ter ficado desapontado com o futebol apresentado pela Seleção, ele ainda acredita na conquista do título no México, "desde que se trabalhe com muita dedicação e seriedade".

Este otimismo falta ao contínuo Antônio Luís Gomes, que trabalha no DEDIS, em Parada de Lucas, Rio de Janeiro. Ele confessa que vai torcer pelo êxito de nossos jogadores, "mas sem muita esperança".

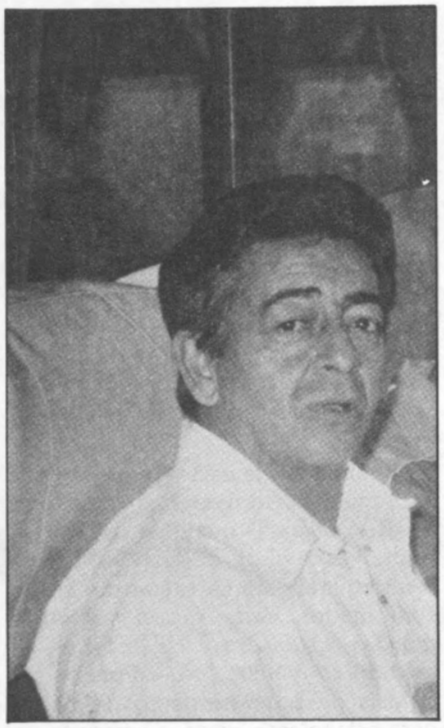
Para o jornalista Vicente Senna, subeditor de Esportes do *Jornal do Brasil*, a descrença que se abateu sobre grande parte da torcida brasileira é uma "reação normal".

— A Seleção formada para os jogos eliminatórios teve altos e baixos. Nos jogos no exterior ela se saiu bem, mas nas partidas realizadas aqui no Brasil, onde o público esperava belas exibições, o rendimento caiu bastante, o que provocou uma decepção geral.

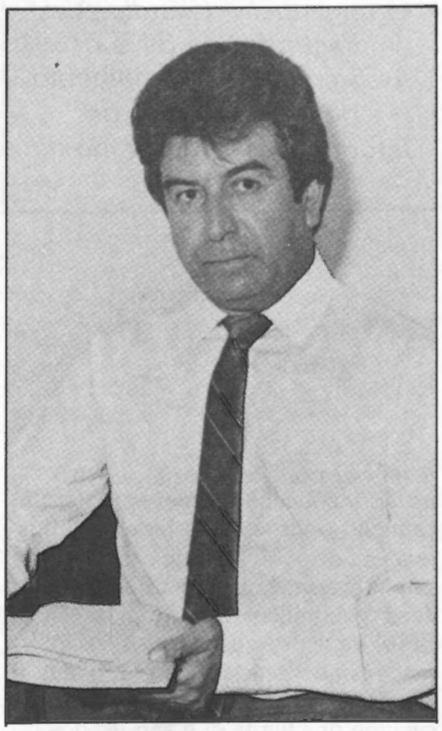


*João Avelino, DEGE-AC*

*Espanha 82: ao som do samba "Voa Canarinho", o Brasil dançou*



*José Santiago, DEGE-MG*



*Sérgio Morozini, DEGE-RS*

Atleticano convicto, o colega José Santiago, da Delegacia de Minas Gerais, tem uma severa crítica ao futebol atualmente praticado em nosso País. Ele considera que estamos adotando o estilo europeu, com o futebol-força, contrariando nossas principais características, que são descontração e criatividade:

— O futebol lento, mas com espírito criativo e de improviso, está dando lugar a este novo estilo. É preciso levar em conta que o preparo físico do jogador brasileiro não é igual ao do europeu, o que nos deixa em desvantagem. Se não houver uma volta às nossas antigas características de jogo, não acredito na vitória no México.

**Renovação**

O cronista Vicente Senna concorda, em parte, com José Santiago, mas não acredita que o fato de o futebol brasileiro ter adotado outro estilo seja relevante.

— Veja bem. Em 74, na Alemanha, tínhamos uma equipe razoável e, no entanto, ela foi surpreendida pela Holanda, que chegou com um novo estilo de jogo. Isto invalida a tese de que a capacidade de improvisação e as jogadas maliciosas dos antigos jogadores garantiam a vitória. Além disso, o jogador brasileiro, hoje, não é diferente do europeu. Está tão bem preparado quanto ele.

A média de idade dos jogadores europeus é de 25 anos, enquanto a dos brasileiros é de 30 anos. Para o atacante Zico, o fato não tem importância. Com a experiência de inúmeras partidas pela Seleção Brasileira, além da passagem pelo futebol italiano defendendo a Udinese, Zico acha que os europeus é que têm medo de enfrentar os jogadores brasileiros:

— E mais — sentencia o atacante — o futebol deles não é nada melhor que o nosso. Eles só são mais organizados e bem cuidados. Quanto à vitória em 86, vale lembrar que a gente sempre entra em campo para ganhar. Senão, nem entra.

As discussões certamente prosseguirão até as vésperas da Copa, ano que vem, porque na hora da verdade ninguém tem dúvidas de que a Pátria voltará a calçar chuteiras. A torcida, a subestimar o inimigo. A anunciar, como nosso colega Sérgio Morozini, da Delegacia do Rio Grande do Sul:

— A vitória é certa. De México nós entendemos.

ENSAIO

# O SISTEMA IBGE DE RE

*Cláudio Alex Fagundes da Silva e*
*José Ubaldo Baião.*

Disseminar é semear ou espalhar por muitas partes; difundir, divulgar, propagar. Disseminar informações é colocá-las disponíveis e divulgar essa disponibilidade. De nada adiantaria colocá-las disponíveis sem divulgar à sociedade a forma de obtê-las. Disseminar amplamente é democratizar a informação; é divulgá-la para todos através dos veículos de informação.

Os livros e as diversas publicações são exemplos de veículos de disseminação, mas com o decorrer do tempo alguns fatores concorrem para torná-los limitados: o custo da impressão, a demora para serem impressos, a necessidade de estocar este material e as dificuldades relativas à distribuição de grandes volumes.

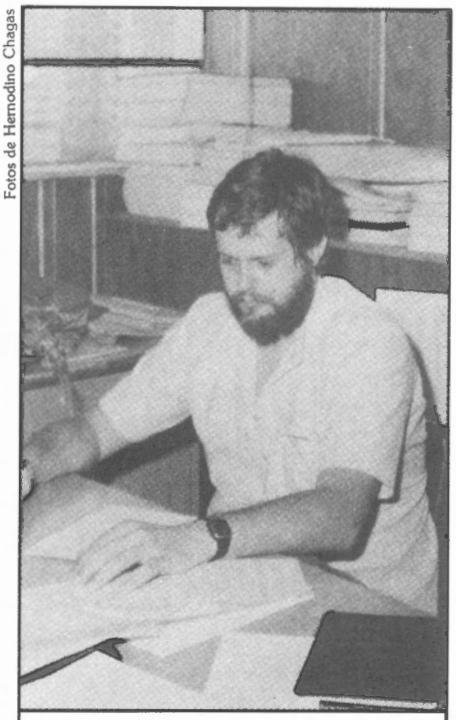
Com o desenvolvimento dos equipamentos e das técnicas de processamento de dados, surgiram facilidades que tornam cada vez mais prática e simples esta tarefa, permitindo armazenar de maneira organizada um número cada vez maior de dados. Os sistemas de recuperação tornam mais rápida a tarefa de buscar, encontrar e utilizar as informações e sua linguagem está cada vez mais próxima da nossa linguagem falada. Os novos sistemas praticamente estabelecem um diálogo com o usuário, buscando orientá-lo na tarefa de obter os dados que deseja.

O desenvolvimento do teleprocessamento torna possível consultas a bancos de dados por terminais remotos que podem estar instalados a centenas e até milhares de quilômetros da unidade em que está localizada a informação. Conjugando essas tecnologias, os sistemas de disseminação automática de informações tornam-se cada vez mais difundidos e utilizados na sociedade, sendo raras as organizações que não utilizam o processamento eletrônico de dados.

O SIDRA apresenta quatro sistemas de recuperação, que são diferentes maneiras de se obterem informações:

Sistema de Recuperação de Informações por Variáveis (SRIV) o usuário consulta primeiramente um catálogo onde estão listadas as informações disponíveis e seleciona as de seu interesse. Em seguida, informa os itens geográficos (municípios, UF's, Brasil etc.) de seu interesse, as informações que deseja e obtém, assim, a resposta. O SRIV inclui também a facilidade dos filtros que são usados ou para limitar o universo da pesquisa ou para verificar determinada ocorrência. Por exemplo, um usuário informa ao sistema, através de um filtro, que só lhe interessam os municípios com população superior a 100.000 habitantes — neste caso trata-se de uma restrição do universo de pesquisa. Por outro lado, ele pode querer saber quais os municípios que produzem soja — aí, trata-se da verificação de uma ocorrência.

Fotos de Hermodino Chagas



*O engenheiro Cláudio Alex Fagundes da Silva é Assistente do Departamento de Disseminação de Informações da Diretoria de Informática.*

Nos Sistema de Recuperação de Informações por Temas — SRIT — as informações são organizadas por assunto. Cada tema é um conjunto de variáveis relacionadas com o mesmo assunto. O usuário informa o tema e o item geográfico de seu interesse, obtendo, então, a resposta.

No Sistema de Acesso a Matrizes Agregadas — SAMA — as informações estão organizadas em matrizes de até 10 dimensões. O usuário identifica a matriz de seu interesse através de um diálogo com o sistena e define os cruzamentos desejados, obtendo a resposta.

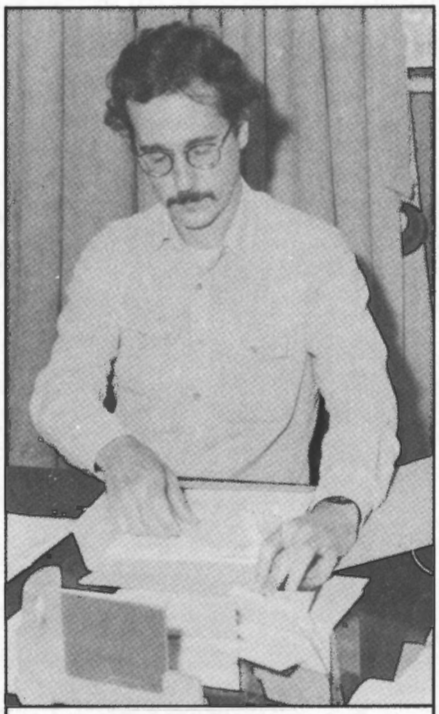
Já no Sistema de Informações Básicas Municipais — SIBAM — o usuário pode obter dados descritivos sobre municípios brasileiros. Além destes que já fazem parte do SIDRA, outros sistemas serão agregados continuamente. A médio prazo, está prevista a incorporação de novos sistemas visando atender à demanda de informações sobre cartografia e geodésia, meio ambiente e recursos naturais, dados relativos à legislação de criação dos municípios, indicadores econômicos e sociais e cadastro de estabelecimentos.

Atualmente, já estão desenvolvidas as seguintes formas de acesso ao SIDRA: *Telex* — qualquer usuário da Rede Nacional de Telex pode usar o seu terminal para consultas diretas ao computador; *Rede Nacional de Informações Estatísticas (RENES)* — já existem convênios com empresas estaduais de processamento de dados para estabelecer ligações computador a computador, colocando o SIDRA

# CUPERAÇÃO AUTOMÁTICA

disponível a terminais conectados a essas empresas; *Salas Públicas* — foram instaladas duas salas públicas (no Rio e em Brasília) visando atender a usuários internos e externos que desejam consultar o SIDRA. A rede de salas públicas será expandida para outras UF's; *Ligações Avulsas* — são ligações diretas de terminais aos computadores do IBGE utilizando linhas privadas.

Além das formas de acesso já implantadas, o SIDRA está sendo preparado para ser consultado através de comunicação de dados a distância (CDD), para usuários da mesma cidade onde está o Banco de Dados, através do uso da sua própria linha telefônica conectada a um terminal. A Rede Nacional de Pacotes (RENPAC), para uso fora da cidade onde está o Banco de Dados, funciona de maneira semelhante ao CDD. O usuário utiliza sua própria linha telefônica para o acesso à RENPAC, onde estarão disponíveis vários Bancos de Dados. A idéia é integrar o SIDRA a essa rede. Trata-se de um serviço da EMBRATEL ainda em fase experimental.



*O engenheiro e estatístico José Ubaldo Baião é chefe do Departamento de Disseminação de Informações da Diretoria de Informática.*

**Divulgação e atendimento**

O SIDRA é dotado de uma ampla documentação (manuais, catálogos, exemplos etc.) disponível aos interessados. O serviço SOS/SIDRA, centralizado no Rio de Janeiro, dispõe de uma linha telefônica e um telex, exclusivamente para o atendimento aos usuários. Esse atendimento será descentralizado.

As Delegacias do IBGE estão sendo preparadas para assumir regionalmente essas atividades de treinamento, divulgação, fornecimento de material explicativo, esclarecimento de dúvidas etc. No Rio de Janeiro, foi criado um curso semanal, duas vezes por mês, com 20 horas, visando não só ensinar a operação do SIDRA como também dilvulgar as pesquisas do IBGE. Está sendo avaliada a expansão para outras Unidades da Federação.

Os Sistemas do SIDRA têm autonomia entre si. Não há restrições técnicas para seu aperfeiçoamento ou incorporação de novos sistemas. Alguns aprimoramentos como, por exemplo, geração de gráficos e mapas temáticos e obtenção dos dados em "diskettes" para aplicações na microinformática dependem de equipamentos apropriados.

Outros dependem principalmente da potência e capacidade do equipamento básico: melhoria do tempo de resposta, manipulação matemática e estatística dos dados e ampliação do universo de dados disponíveis.

Além das qualidades já citadas, o SIDRA tem outros potenciais que podem ser explorados: os dados de uma pesquisa poderão ser colocados disponíveis apenas aos usuários internos para análise crítica dos resultados; a liberação das informações para o público será efetivada pela área técnica responsável mediante senha específica; pode também ser usado como "reserva técnica" dos dados do IBGE; a alimentação de dados de pesquisas anteriores a 1970 dará aos usuários a possibilidade de fazer análises históricas.

O SIDRA tem condições de colocar as informações de uma pesquisa, disponível ao público, mais cedo que as publicações, pois elimina o tempo dos serviços gráficos. Poderão ser implementados sistemas gerenciais, baseados em estatísticas derivadas, com informações mais elaboradas e de análise mais imediata. Como existe uma preocupação com as tiragens das publicações sem fluxo, o SIDRA as reduzirá sem prejudicar a disponibilidade dos dados.

As perspectivas são bastantes animadoras. É um sistema flexível, podendo armazenar e administrar um número ilimitado de informações. A limitação atual não é do sistema e sim da capacidade física dos discos magnéticos de que o IBGE dispõe. Ampliando o número de discos magnéticos, crescerá a capacidade de armazenamento de informações.

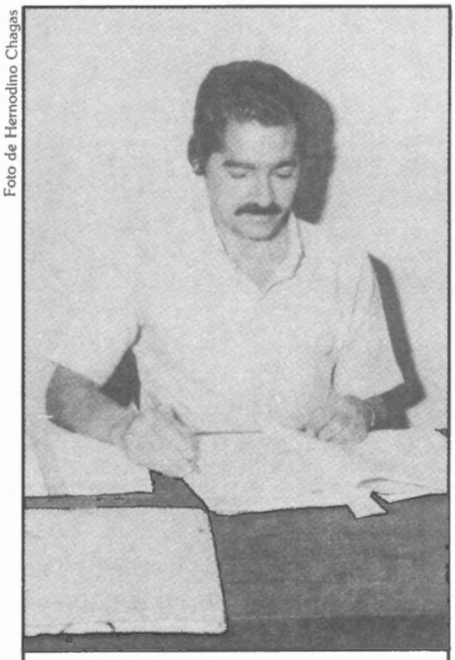
**Críticas, sugestões e pedidos de manuais e material explicativo deverão ser encaminhados ao Departamento de Disseminação de Informações, da Superintendência de Sistemas — DI — Rua Visconde de Niterói, 1246 — bloco A — 6.º andar — Mangueira, Rio de Janeiro**

PARTICIPAÇÃO

# Tempo de integração

**Esta seção e reservada aos funcionários da Empresa. Nela, todos poderão apresentar sugestões para o aprimoramento de nossa organização.**
**As cartas, datilografadas e em 30 linhas, deverão ser enviadas para a Secretaria da Superintendência do Centro Editorial. Avenida Brasil 15.671, 3.º andar, Parada de Lucas CEP 21.241, Rio de Janeiro.**

Foto de Hermodino Chagas



*Josuel Teixeira de Carvalho é Assistente Técnico Administrativo do Departamento de Distribuição.*

*Josuel Teixeira de Carvalho*

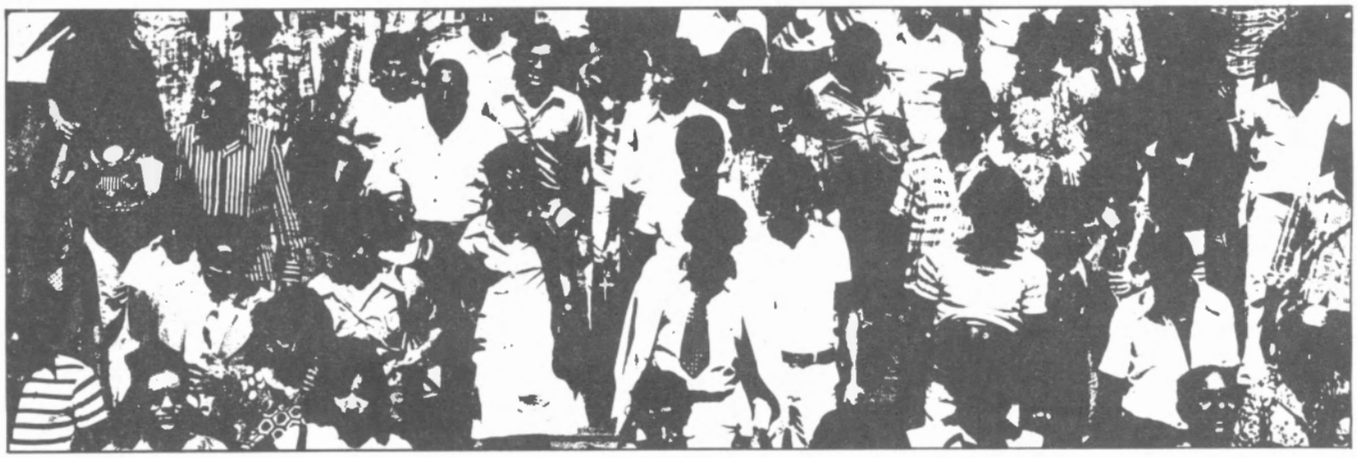
Todos os órgãos do IBGE, sob nova direção, estão interessados, creio eu, em um entendimento mútuo entre o empregado e a Empresa. Realmente, eu considero o diálogo fator decisivo para o êxito de uma organização, sobretudo quando usado para esclarecer pontos conflitantes. Há sempre uma necessidade muito grande por parte do empregado de ser ouvido. Nem sempre trata-se de reclamações, mas muitas vezes de sugestões para o melhor andamento dos trabalhos. Em outras ocasiões há a necessidade de respostas a algumas dúvidas. Na nossa Empresa, o primeiro passo para esta integração já foi dado, embora modestamente, com a criação, há cerca de três meses, do Sistema de Sugestões. Trata-se de uma caixa de coleta colocada em pontos de maior circulação, nas dependências do IBGE. Mas eu acho que este processo merece ser aperfeiçoado.

Tenho percebido, através de conversas informais com meus companheiros de trabalho, que eles se ressentem de respostas imediatas às suas dúvidas e ansiedades. Muitos colegas ficaram entusiasmados com a chance de poderem expressar suas idéias e logo se dispuseram a escrever cartas.

Desde que este sistema foi instalado a administração já deve ter recebido centenas dessas cartas. No entanto, muitos ainda permanecem aguardando uma resposta, embora um pouco céticos quanto a isso. Os canais formais de comunicação oferecem muitos obstáculos, o que leva o funcionário a permanecer com suas dúvidas ou desistir de apresentar alguma idéia à administração da Empresa. Acho que esse sistema não é o ideal para o diálogo que gostaríamos de ter, mas, enfim, é o que temos no momento.

Não estou interessado simplesmente em lançar críticas ao Sistema de Sugestões, pois ele demonstra a intenção da Diretoria em se aproximar do funcionário. Estou, sim, interessado na criação de um mecanismo que nos permita avançar mais um passo em direção a um melhor entendimento, já que considero o diálogo direto, franco, claro e aberto entre as partes a forma ideal para a redução de conflitos no trabalho e o saneamento de insatisfações. Empregados que têm um bom diálogo com a direção da Empresa sentem-se mais estimulados para o desempenho de suas funções profissionais e dispostos a dar novas sugestões que facilitem o trabalho.

Tenho em mira, como antigo empregado da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o trabalho integrado de todos nós, a fim de que possamos fornecer aos usuários nossos serviços com segurança. Concluindo, aproveito para sugerir à Direção do IBGE a criação de um canal direto para que o servidor possa expor suas idéias, apresentar suas reivindicações e apontar soluções para sanar possíveis problemas.



# UMAS & OUTRAS

## Nosso time se prepara para entrar em campo

O IBGE prepara-se para os próximos Censos Agropecuário e Econômico. O Censo Agropecuário tem início previsto para 15 de janeiro. Segundo Walter Domingos, chefe do Departamento de Censo Agropecuário, atualmente estão sendo confeccionados os questionários e manuais de instrução, enquanto a Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal se encarrega da contratação dos agentes que farão a coleta de dados. Serão aplicados ao todo mais de cinco milhões de questionários, trabalho que envolverá cerca de 50 mil recenseadores. Já o Censo Econômico abrange os Censos Indústria (de Transformação, Extrativa e de Construção), Comércio e de Serviços (inclusive Transporte). Segundo Carmen de Jesus Garcia, Superintendente da SUICOM, a coleta de dados será realizada no período de junho a dezembro de 86 e seus resultados deverão ser divulgados no final de 1987. O Censo encontra-se em fase técnica de planejamento, onde ocorre a definição de conteúdo dos questionários e os estudos para a contratação dos censitários e da equipe de apuração. Esses estudos são feitos pelas Delegacias e analisados pela Direção Geral do IBGE. Na próxima edição, esta revista publica reportagem ampla sobre os dois Censos.

## O IBGE na II Feira Internacional do Livro

O IBGE participou, em setembro, no São Conrado Fashion Mall, da II Feira Internacional do Livro, que contou com a presença do Presidente da República, José Sarney, e dos Ministros Marco Maciel, da Educação, Aluísio Pimenta, da Cultura, e Aureliano Chaves, das Minas e Energia, além do Governador Leonel Brizola. Considerada o evento mais importante do ano no meio literário, a Feira registrou grandes índices de venda. No stand do IBGE, o movimento maior ocorreu durante a tarde de autógrafos do livro "O Lugar do Negro na Força de Trabalho", à qual esteve presente o Presidente Edmar Bacha. A obra das pesquisadoras Lúcia de Oliveira, Rosa Porcaro e Tereza de Araújo esteve dois anos sob censura e foi liberada pela nova administração do IBGE.

## Empresa empossa 11 novos Delegados

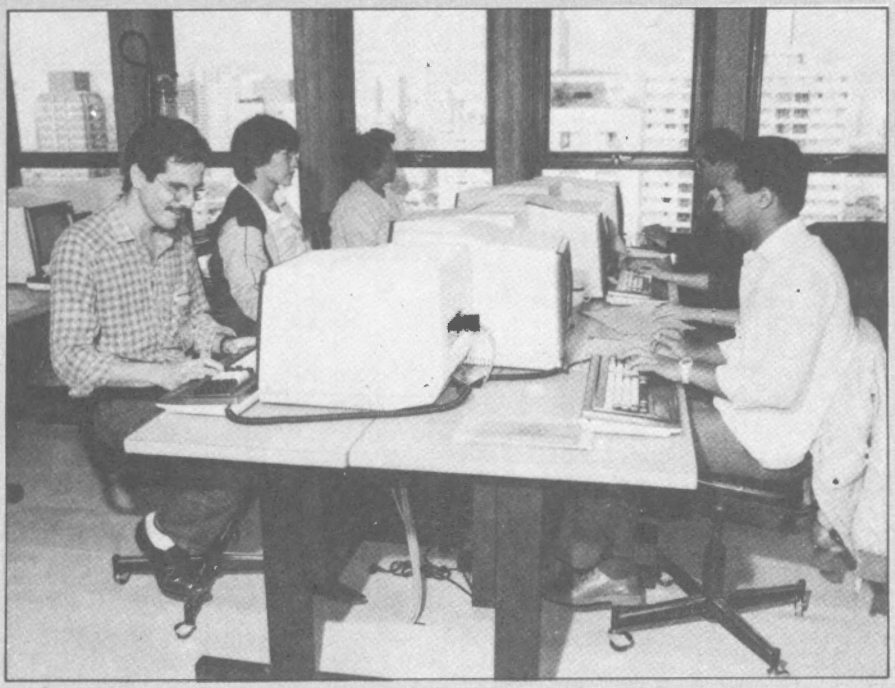
Sem a pompa das grandes solenidades, tomaram posse em 11 de nossas Delegacias seus novos titulares. Autoridades da Empresa e dos estados onde estas Delegacias estão instaladas estiveram presentes aos atos de posse. Os novos Delegados são Wilson José Xavier Pedro, no Paraná: Eribaldo de Carvalho Portela, em Pernambuco (leia reportagem sobre esta Delegacia na página 23); Jucely Lottin, em Santa Catarina; Artur Ferreira da Silva Filho, na Bahia; Alvacyr Almeida, em Sergipe; Hélder de Aragão Araújo, no Piauí; Antônio Firmino de Oliveira Filho, no Mato Grosso do Sul; Antônio Augusto Leite de Castro, no Ceará; Delvaldo Benedito de Souza, no Mato Grosso; João de Oliveira Avelino, no Acre; e, em Goiás, Cristovam de Paula Tavares.

# Antônio Carlos vence concurso de logotipo

Antônio Carlos S. Medeiros, que trabalha no Gabinete da Superintendência de Patrimônio, no Rio de Janeiro, foi o vencedor do concurso instituído pela Associação dos Servidores do IBGE para escolha do novo logotipo da entidade. Como prêmio à sua criatividade, Antônio Carlos ganhou um aparelho de televisão a cores. Pedro Paulo Machado, da Diretoria de Geodésia e Cartografia, ficou em segundo lugar, cabendo a terceira colocação a José Alfredo Casado de Almeida, da Superintendência de Estudos de Geografia, Ecologia, Recursos Naturais e Meio Ambiente.

Foto de Hernodino Chagas

# DEGE de SP instala computador Cobra-540



A Delegacia de São Paulo acaba de instalar no seu Centro de Automação de Dados um computador Cobra-540 com 25 terminais, 21 no Centro de Processamento de Dados (CPD) e quatro distribuídos em outras unidades da DEGE. O terminal e a impressora instalados na Biblioteca vão atender aos usuários que desejarem ter acesso ao Banco de Dados do IBGE. A implantação do sistema permite comunicação direta com o computador central da Empresa. A Delegacia de SP é responsável por quase 30% dos dados do País.

## CARTAS

**Discriminação**

"Fiquei sabendo que a nossa Empresa está lançando uma revista interna. Gostaria de me antecipar e de dar uma sugestão. Aproveitando o sucesso do livro "O Lugar do Negro na Força do Trabalho", de autoria de Lúcia Elena Garcia de Oliveira, Rosa Maria Porcaro e Tereza Cristina N. Araújo, editado pelo IBGE, a revista bem que poderia abordar um assunto atual: a discriminação da mulher no mercado de trabalho brasileiro." (Ângela Dantas, DEGE-PE)

**Futebol**

"Parece mentira, mas a gente vive no país do futebol, tem um belo campo em Parada de Lucas, no Rio de Janeiro, mas ali quase não se realizam jogos. Na minha opinião, a revista que surge deveria incentivar a prática de esportes entre os funcionários da Empresa. O que vocês acham da Idéia?" (Sílvio Prates, DGC-Rio)

N. da R.: *No próximo número, a revista interna do IBGE publicará matéria alertando seus leitores para os riscos da vida sedentária.*

**Fator de integração**

"Louvamos a iniciativa de se editar a revista interna do IBGE, que será eficaz instrumento da disseminação de nossos programas e política, a par de funcionar como valioso fator de integração." (Antônio Augusto Leite de Castro, DEGE-CE)

**Espaço**

"Maravilhosa a idéia do IBGE ter a sua revista interna. Espero que ela seja, realmente, mais um espaço para o nosso entrosamento." (João Lima, DPS, Rio)

# Clube de Pernambuco tem nova Diretoria

Concorrendo em chapa única no pleito realizado dia 30 de agosto, os funcionários Antônio Bezerra de Moura e Paulo Teixeira Galvão foram eleitos respectivamente presidente e vice-presidente do Clube Ibgeano de Recreação e Esporte da Delegacia de Pernambuco. Na mesma data, os associados do clube elegeram os integrantes do Conselho Deliberativo: Elza Maria dos Santos, Pedro Ferreira Silva, Herculano de Oliveira Guimarães, Marco Aurélio Souto Maior Mafra, Severino Rodrigues dos Santos, William Roberto Peterson, Ângela Gomes Dantas de Brito e Vera Lúcia G. da Silva. A nova Diretoria pretende incrementar as atividades do Clube e conseguir espaço para a sede.

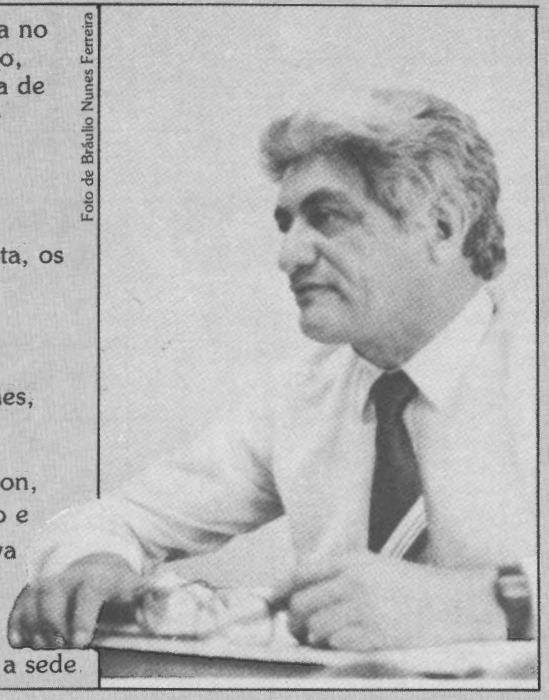


Foto de Bráulio Nunes Ferreira

# Secretárias: enfim, o respeito que elas merecem

O movimento Secretary's Lib, deflagrado em 1971, não foi, ao contrário do que muitos pensaram na época, mais uma manifestação feminista. O que as secretárias pretendiam era acabar de vez com as piadas de mau gosto e baixo humor de que eram vítimas. Hoje, elas são reconhecidas como profissionais especializadas e fundamentais ao êxito de qualquer organização. Com serenidade, qualidade indispensável ao seu bom desempenho profissional, nossas 161 secretárias espalhadas por todo o País comemoraram o seu dia, 30 de setembro, com muito trabalho. E, como já se esperava, com muita seriedade.

# Delegacia de Sergipe participa de Encontro

O engenheiro agrônomo Geraldo de Melo Menezes, chefe da Seção de Levantamentos Agropecuários da Delegacia de Sergipe, representou o IBGE no V Encontro Estadual de Engenheiros Agrônomos, realizado em Aracaju nos dias 28, 29 e 30 de agosto. Na ocasião, foram debatidos temas atuais, como Constituinte, Reforma Agrária e Alimentos para o Povo. Participaram também do Encontro o economista José Carlos Arrute Rey, Diretor Regional do INCRA em Sergipe e Bahia, o advogado Evaldo Fernandes Campos, Procurador da República, e o Engenheiro Claus Germer.

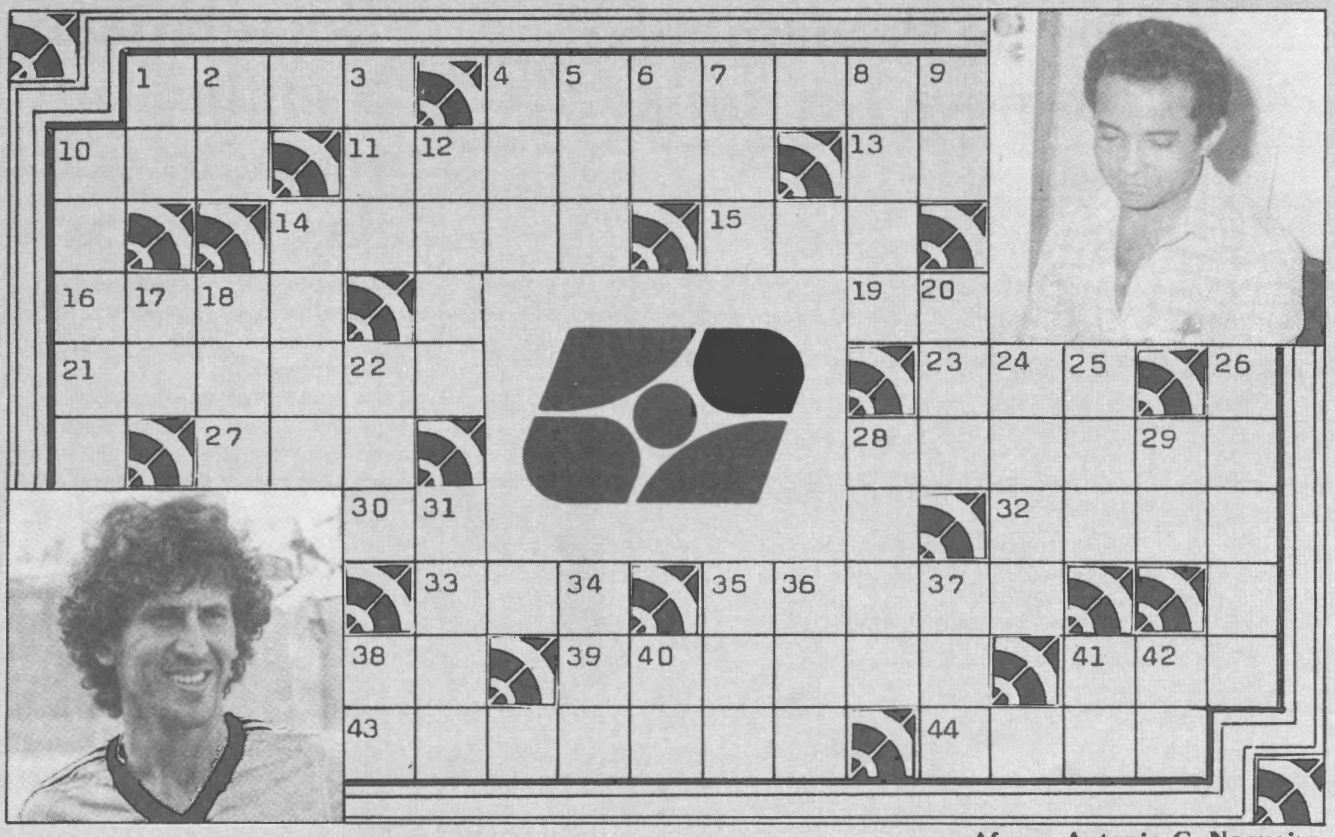
## SAINDO DO SÉRIO

### A estória do agente que pisou na bola

Em setembro de 1945, o então secretário-geral do IBGE, Mário Augusto Teixeira de Freitas, recebeu um ofício da Inspetoria de Estatística do Amapá informando que as atividades da Agência de Mazagão estavam "inteiramente paralisadas". No documento, o inspetor esclarecia o motivo: "O Agente acidentou-se gravemente em uma partida de futebol e há três meses guarda um leito de hospital em Belém".

Ilustração de Marcelo Andrade

# UMAS & OUTRAS



Afonso Antonio C. Nogueira

**HORIZONTAIS:** 1/11. Ele interpreta o *Sinhozinho Malta*, na "novela Roque Santeiro"; 4. Diretor-Geral do IBGE; 10. O principal objetivo numa partida de futebol; 13. Sufixo que designa agente ou autor; 14. Abertura em parede, ao nível do chão ou de um pavimento, para dar entrada ou saída; 15. Oceano; 16. Cidade e distrito da Transjordânia; 19. Sigla da Diretoria responsável pela edição da revista interna do IBGE; 21. Medida graduada; 23. Sigla pela qual se conhece uma das mais importantes publiçações do IBGE; 27. Orquídea das montanhas da Colômbia; 28/30/35. Subúrbio carioca onde está instalado o Parque Gráfico do IBGE; 32. Sigla do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 33. Romance de José de Alencar (1872); 38. Sigla do único território da União onde não há delegacia do IBGE; 39. O mesmo que finalmente; 41. Nome da oitava consoante do nosso alfabeto; 43. Compositor popular baiano; 44. Atacante da Seleção Brasileira de Futebol.

**VERTICAIS:** 1. Escumilha; 2. Sufixo diminutivo, o mesmo que *im*; 3. (Bras.) Na Bahia, milho torrado que se reduz a pó; 4. Bateria (abrev.); 5. Presentemente; 6. Novo Testamento; 7. Rio da Holanda, na Província de Utrecht; 8. Título de nobreza, na Inglaterra; 9. Decorrer (tempo); 10. Contínuo do DEDIS, no Rio, que não crê no êxito do Brasil na próxima Copa do Mundo. (Ver reportagem da página 7 desta edição); 12. Fêmea do *urso*; 14. Sigla da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios; 17. Carta do baralho; 18. Mau cheiro; 20. Símbolo usado na antiga química para designar a amálgama; 22. Em inglês: *moço, rapaz*; 24. Feito de bronze (pl.); 25. Instrumento musical hebraico; 26. (Bras.) Mata virgem; 28. Ingênuo, tolo; 29. Decigrama (abrev.); 31. Vulcão ativo da Sicília; 34. Latitude (abrev.); 35. Rio da China, na Província de Hunan; 36. Singular; 37. Rio da Baviera, afluente do Inn; 38. Iniciais de: "Chopin", compositor e pianista polonês; 40. Nota musical; 41. Iniciais do escritor de "Os Sertões"; 42. (Náut.) Cada uma das metades do navio no sentido do seu comprimento.

## SOLUÇÃO

**HORIZONTAIS:** 1/11. Lima Duarte; 4. Bonelli; 10. Gol; 13. Or; 14. Porta; 15. Mar; 16. Maan; 19. DA; 21. Escala; 23. AEB; 27. Ada; 28/30/35. Parada de Lucas; 32. IBGE; 33. Til; 38. FN; 39. Afinal; 41. Ele; 43. Caetano; 44. Zico.

**VERTICAIS:** 1. Lo; 2. Il; 3. Ado; 4. Bat.; 5. Ora; 6. NT; 7. Em; 8. Lord; 9. Ir; 10. Gomes; 12. Ursa; 14. PNAD; 17. As; 18. Aca; 20. AAA; 22. Lad; 24. Eris; 25. Bab; 26. Caete; 28. Paca; 29. Dg.; 31. Etna; 34. Lat.; 35. Lin; 36. Uno; 37. Alz; 38. FC; 40. Fa; 41. EC; 42. Lo.

# Nasceu a nossa revista. Agora vamos dar o nome.

Ilustração de Marcelo Andrade

Funcionários do IBGE de qualquer parte do País estão convidados a participar do concurso instituído pela Empresa para escolher o nome definitivo desta revista, que surge com título provisório. O vencedor receberá como prêmio uma viagem ao Rio ou Brasília, onde terá oportunidade de conhecer importantes setores da Instituição.

Estão excluídos do concurso os membros da Comissão Julgadora — cujos nomes serão revelados apenas por ocasião da divulgação do resultado — e funcionários envolvidos na elaboração da revista. A Comissão apontará os três títulos que considerar melhores e, numa segunda etapa, os funcionários elegerão o vencedor. As inscrições encerram-se às 17 horas do dia 30 de outubro. O regulamento é o seguinte:

**1 — Apresentação das sugestões**

1.1 — As sugestões deverão ser escritas a máquina ou letra de forma.

1.2 — Cada concorrente poderá enviar quantas sugestões quiser, desde que sejam encaminhadas separadamente e com pseudônimos diferentes.

1.3 — A sugestão será apresentada em dois envelopes fechados: o primeiro, contendo a sugestão, trará na parte externa o pseudônimo do concorrente. O segundo deverá apresentar, no interior, o nome, pseudônimo e lotação do funcionário.

1.4 — Os dois envelopes deverão ser colocados em um terceiro, a ser enviado à Secretaria do Centro Editorial (CEDIT), em Parada de Lucas, Rio de Janeiro. O serviço de malote da Empresa poderá também ser utilizado.

1.5 — Autenticidade, ineditismo e originalidade serão critérios de grande peso na avaliação do júri.

**2 — Coordenação do Concurso**

2.1 — O CEDIT coordenará os trabalhos da Comissão Julgadora em todas as fases do concurso.

**3 — Escolha**

3.1 — A Comissão Julgadora escolherá os três melhores trabalhos. Numa próxima etapa, os funcionários vão eleger, através de votação, o vencedor.

3.2 — A Comissão se obriga a divulgar na revista o trabalho vencedor, cujo autor será contemplado com prêmio estabelecido no parágrafo 4. No entanto, se reserva o direito de utilizá-lo ou não.

**4 — Prêmio**

4.1 — O autor da sugestão escolhida terá direito a uma viagem ao Rio ou a Brasília, a fim de conhecer o funcionamento de importantes setores da Empresa localizados nestas capitais. A duração da viagem será de quatro dias. Além da passagem aérea, a Empresa oferece quatro diárias ao vencedor.

**5 — Direitos**

5.1 — A escolha do trabalho implicará a transferência para o IBGE de todos os direitos de sua utilização e reprodução, em quaisquer circunstâncias.

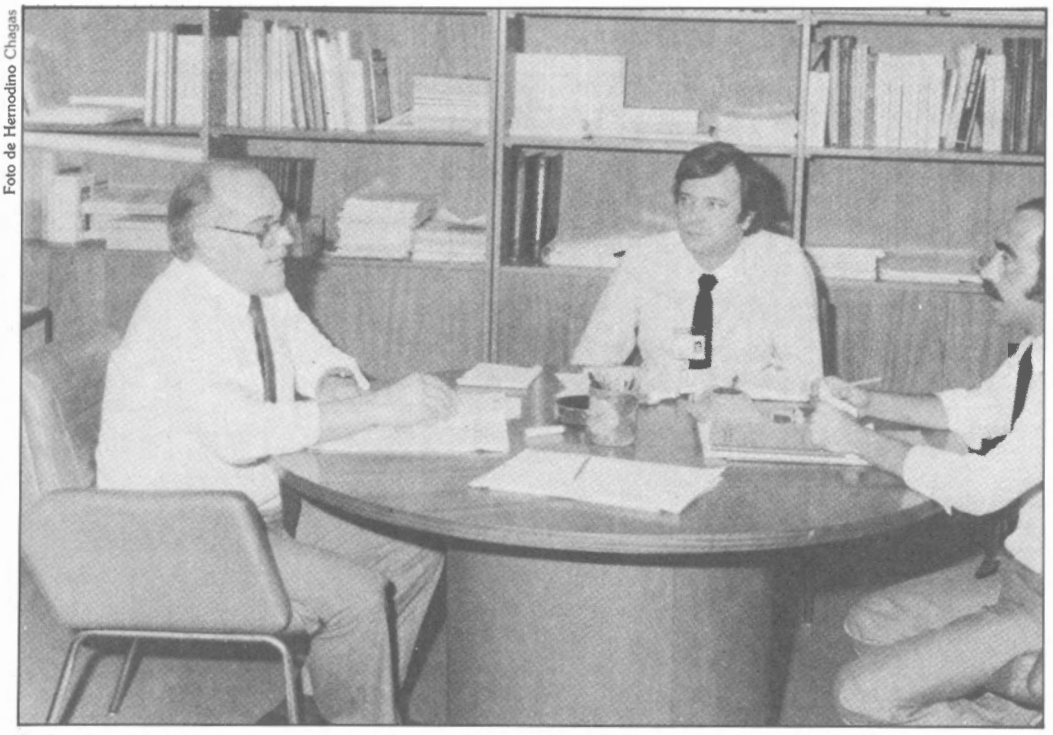
**6 — Prazo**

6.1 — As sugestões deverão chegar ao CEDIT até as 17 horas do dia 30 de outubro de 1985.

6.2 — Os funcionários do Rio deverão enviar suas sugestões através de correspondência, conforme esclarece o item um do presente regulamento.

# DGC: Traçando o ce

Foto de Hernodino Chagas



*O Diretor Mauro e os superintendentes Pavan (SUDEG) e Antunes (SUCAR)*

Foto de Hernodino Chagas

*Retoque de negativo, trabalho minucioso*

Foto de Alexandre P. A. Filho

*O pessoal da Superintendência*

Trabalham na Diretoria de Geodésia e Car
de artistas anônimos, técnicos de extrema habilidade e co
o IBGE pode se orgulhar de produzir d

# *rto com linhas tortas*

*de Geodésia armando acampamento na selva: é o início de um trabalho que culmina em Lucas com nossos precisos mapas.*

tografia (DGC) 884 funcionários, um contingente
rajosos desbravadores. Graças ao desempenho desta equipe,
ocumentos cartográficos de nível internacional.

Enquanto Napoleão Bonaparte, o herói francês, vencia guerras, historiadores de todas as partes do mundo procuravam as razões do sucesso. Nesta busca do "mapa do tesouro" descobriram que o tesouro era o próprio mapa. Napoleão tinha em seu poder desenhos e informações das regiões a serem conquistadas, que serviam como base de orientação para suas campanhas. Foi a partir desta descoberta que os mapas passaram a ter um valor novo para os homens.

Os governos foram aos poucos percebendo que mapas e outros documentos cartográficos sintetizavam a visão de conjunto necessária a qualquer planejamento. A cartografia — arte, técnica e ciência de compor cartas e mapas — não era mais matéria de escola e sim um problema que interessava diretamente aos dirigentes de todas as nações. Os cartógrafos deixaram de ser vistos como simples desenhistas. O mapeamento do território nacional ganhou destaque e exigiu novos e sérios investimentos.

**Dinamização**

No Brasil, esta é uma questão que preocupa desde o Segundo Reinado. Muitos foram os decretos assinados e os órgãos criados para desenvolver a cartografia nacional. Mesmo assim a revolução de 1930 encontrou um país praticamente desconhecido do ponto de vista cartográfico. Os documentos existentes à época eram de baixa qualidade e correspondiam a esforços isolados de alguns Estados, como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O único documento cartográfico que representava o espaço territorial brasileiro, de forma contínua e homogênea, tinha sido elaborado pelo Clube de Engenharia, por ocasião do centenário da Independência.

Na realização do recenseamento geral de 1940, o IBGE foi responsável pela dinamização da cartografia nacional. A situação era caótica. Na precária documentação existente, muitas eram as cidades e vilas cujas posições geográficas não eram conhecidas. A tentativa de solucionar esse problema levou o IBGE a entrar no campo de uma outra ciência — a geodésia — que se ocupa da determinação da forma e da grandeza da Terra. Um passo de fundamental importância. Na época, determinar as coordenadas das cidades e vilas era a única forma de se começar, efetivamente, a "medir" e conhecer o Brasil. E, pela primeira vez na história da estatística brasileira, o censo apresentou coleta e tabulações tendo como ponto de referência uma base cartográfica sistematizada, pelo menos quanto às categorias administrativas: municipais e distritais (cidades e vilas).

Veio a II Grande Guerra. O País, preocupado com o conflito mundial, reconheceu a importância da cartografia para toda a administração pública. O IBGE foi mais uma vez convocado a contribuir, iniciando em 1944 o estabelecimento do Sistema Geodésico Brasileiro. Com a passagem do órgão para o regime de Fundação, em 1973, a geodésia e a cartografia ganharam novo alento. Este processo consolidou-se, finalmente, a partir de 1979, com a modernização do todo o seu instrumental, o que possibilitou o redimensionamento das linhas de trabalho.

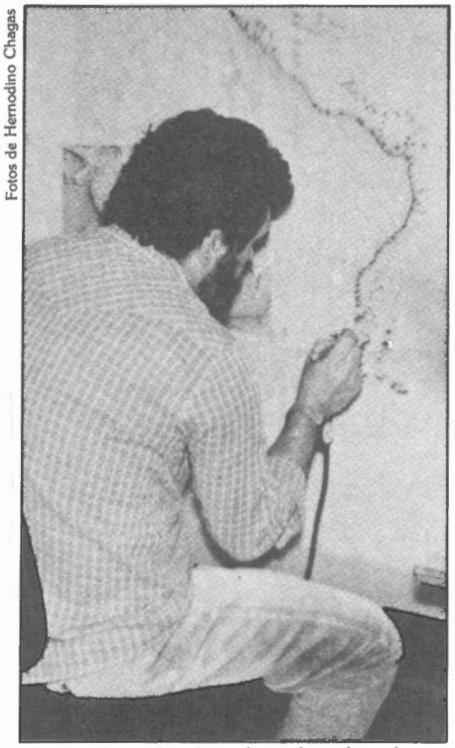
Hoje — vale o registro — a rede altimétrica do IBGE (que transporta ao interior do País valiosas informações sobre a altitude dos relevos com relação ao nível do mar) é a terceira do mundo em extensão. São 55 mil marcos implantados com altitudes conhecidas que equivalem a 150.000km de estradas percorridas: quase quatro voltas ao mundo a pé pela linha do Equador. Um tesouro que poucos brasileiros conhecem. E se houver alguma dúvida em relação a esta afirmação pergunte ao seu vizinho — só de brincadeira — o que ele entende por geodésia ou, ainda, como definiria a arte da cartografia.

**Uma nova realidade**

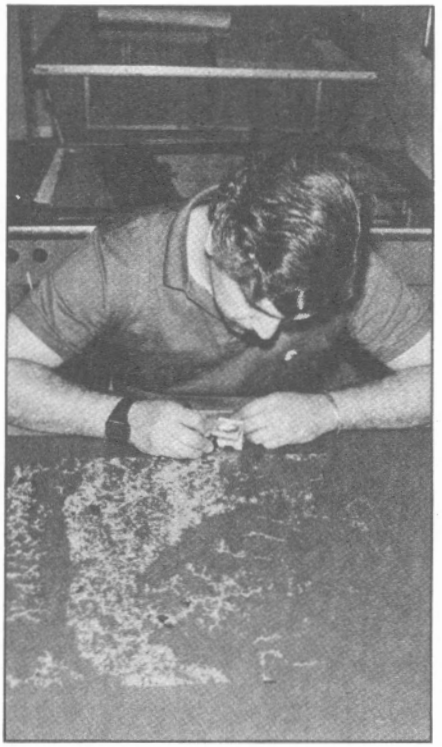
No século XVII formavam-se no Brasil colonial expedições para desbravar matas e conhecer o País, que ainda era um grande mistério. Hoje, esses "bandeirantes" têm um outro perfil. Mas matêm características semelhantes às dos desbravadores do passado. Por sobre chapadões e serras, em meio ao cerrado, acampados no solo árido do nordeste ou no clima mais ameno dos trópicos, estes profissionais executam uma busca criteriosa do conhecimento da superfície topográfica do Brasil.

Construindo torres de até 37 metros de altura em plena selva, descendo de helicópteros através de cordas, viajando em pequenas canoas, percorrendo caminhos perigosos onde o menor descuido pode provocar acidente grave, ancorando em portos improvisados, eles são responsáveis por grande parte das imagens coloridas que nos levam a conhecer o Brasil nos atlas geográficos. São eles que, somando esforços com outras equipes de profissionais, realizam os levantamentos terrestres indispensáveis ao mapeamento do espaço territorial nacional.

Fotos de Hermodino Chagas



*O sombreado dá relevo às altitudes*



*O "peel coat" dá espaço à vegetação*

Vendo-os trabalhar percebemos que o mapa de um país é muito mais que um simples desenho. Para que o Brasil seja definitivamente conhecido pelo seu governo e pelo seu povo, trabalham na Diretoria de Geodésia e Cartografia (DGC), do IBGE, cerca de 884 funcionários espalhados por todo o País. No campo da geodésia, eles planejam e executam estudos, pesquisas e levantamentos que nos permitem conhecer a superfície de nosso território. No campo da cartografia, produzem cartas e mapas. Estas duas áreas são conhecidas como SUCAR (Superintendência de Cartografia) e SUDEG (Superintendência de Geodésia).

**Cores e sonhos**

Com a responsabilidade de coordenar e dirigir os trabalhos destas duas áreas, Mauro Pereira de Mello tem umà história intimamente ligada ao IBGE, onde foi estagiário em 1968. Com mestrado em Ciências Geodésicas pela Universidade Federal do Paraná, depois de uma rápida passagem de dois anos pelo Instituto de Pesquisas Espaciais, em São José dos Campos, quando o Brasil se preparava para receber as imagens do satélite Landsat, voltou ao IBGE em 1973, assumindo em janeiro de 1980 a Diretoria de Geodésia e Cartografia. "Só no trabalho de campo da Superintendência de Geodésia investimos até agosto 15 bilhões de cruzeiros". A previsão, segundo Mauro, é de que esse investimento suba a 26 bilhões em dezembro.

Para que se entenda melhor como funciona a DGC, vale a pena passearmos rapidamente por sua estrutura, que reúne um significativo contingente de artistas anônimos e técnicos de extrema habilidade, que pintam com as cores da natureza relevos, rios, culturas e até os sonhos de controle do meio ambiente e da busca do equilíbrio necessário a melhores condições de vida.

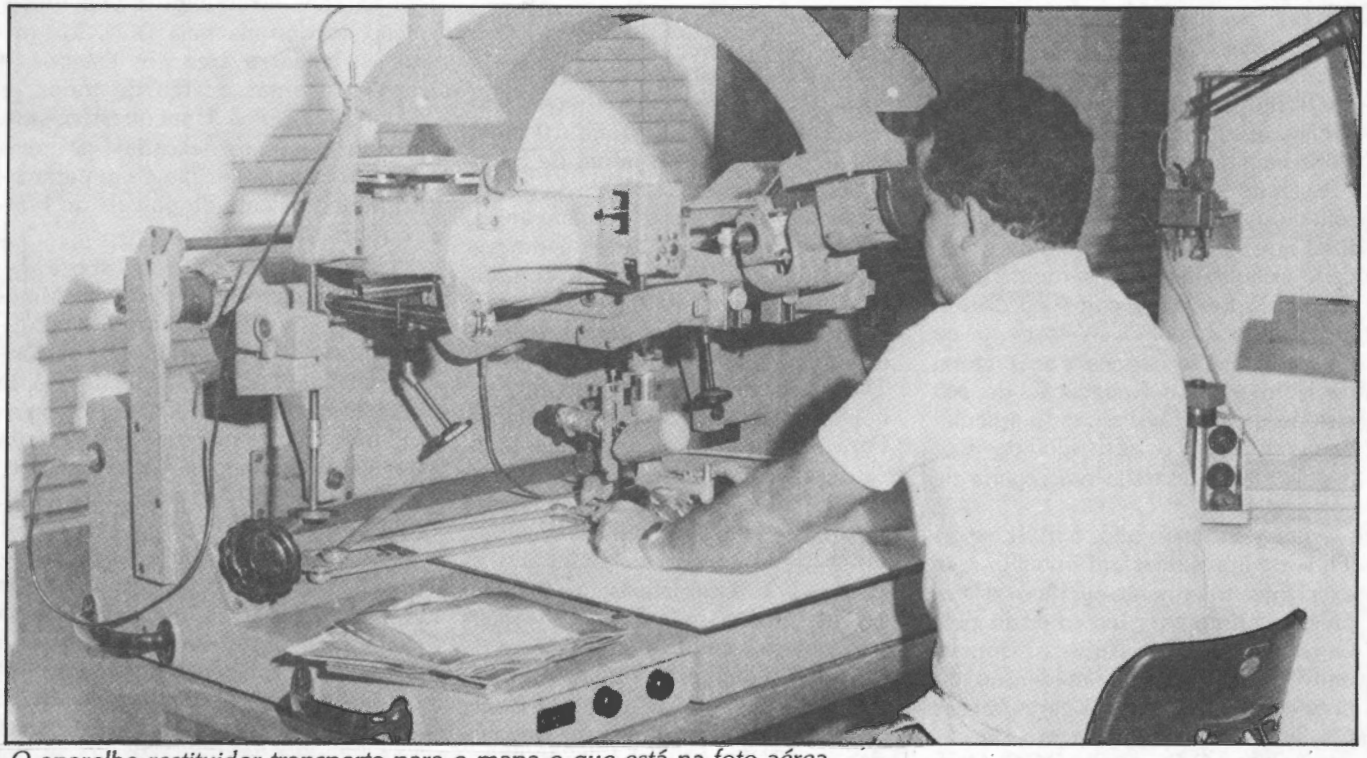
A Superintendência de Geodésia se desdobra em cinco departamentos. Dois são chamados "de gabinete", voltados para o planejamento e a coordenação dos levantamentos e para os trabalhos de cálculos e análises. Os outros três departamentos são os de campo (Distritos de Levantamentos Geodésicos). O de Fortaleza atua na região nordeste e fronteira com a Amazônia; o de Brasília cobre as regiões Norte e Centro-Oeste; e o de Niterói as regiões Sul e Sudeste.

Suas equipes determinam coordenadas de pontos (latitude, longitude e altitude) que se materializam no terreno como simples marcos de concreto, de forma piramidal e com pequena chapa metálica fixada em seu bordo superior.

— Elas estão em toda a extensão do Brasil — comenta Paulo Vilarinho, assessor da Diretoria. — Ao longo das estradas, nos vales e no alto das montanhas, em clareiras nas florestas e nas fronteiras do País. São marcos que compreendem um esforço técnico-científico sério e que por estas e muitas outras razões têm de ser preservados. Esta malha de coordenadas também servirá de base para a implantação de projetos de usinas hidrelétricas, estradas, ferrovias e aeroportos, entre muitas outras obras da engenharia nacional.

Nos últimos anos, os maiores problemas ocorreram na Região Amazônica, carente de documentos cartográficos, com poucas estradas e de difícil penetração, já que a cobertura vegetal impede um contato imediato e direto com o solo. Aziz Sallum, responsável pelo projeto Coari, na área de caça dos índios Cintas Largas, fotografou e registrou em seu relatório de viagem que o local em que deveriam trabalhar estava totalmente alagado, de difícil reconhecimento e, ainda, que o único ponto identificado era uma árvore na curva do Rio Negro.

Esse é um problema comum naquela área, dificultando o processo de trabalho, que implica o reconhecimento, a partir de fotografias, de toda a região. No terreno, são medidos



*O aparelho restituidor transporta para o mapa o que está na foto aérea.*

apenas alguns pontos pré-selecionados, perfeitamente visíveis nas fotografias aéreas. Esses pontos servirão de base para que, posteriormente, em gabinete, se determinem as altitudes coordenadas dos demais pontos — acidentes geográficos e humanos.

No entanto, ficou para trás o tempo em que a Região Amazônica representava uma barreira intransponível, onde até a astronomia foi vetada pela constante nebulosidade do céu. A moderna tecnologia permitiu que a estrela fosse substituída por um satélite artificial, a luz por uma microonda e a luneta astronômica por um receptor eletrônico, possibilitando coordenadas de alta precisão, que permitem um mapeamento com grande riqueza de detalhes.

No fluxo de todas estas operações desenvolvidas até o produto final — o mapa — encontram-se os laboratórios onde são tratadas as fotografias aéreas, as imagens obtidas através de satélites, bem como os trabalhos de redução e ampliação de originais cartográficos, já sob a responsabilidade da Superintendência de Cartografia. Aí, no Departamento de Aerofotogrametria, está o material mais sofisticado da DGC, com equipamentos importados que somam hoje um investimento total de 6 milhões de dólares.

## Salto de qualidade

Estes investimentos representavam um progresso enorme para o Brasil. Até 1977 o País tinha apenas 40% de seu território mapeado. Hoje esta porcentagem subiu para 82,5%. Embora ainda haja muito por fazer, esta marca é bastante significativa e não representa uma vitória apenas do IBGE. Para que se desse este salto de qualidade trabalharam intensamente a Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério do Exército, o Instituto de Cartografia Aeronáutica e a Diretoria de Hidrografia e Navegação do Ministério da Marinha, atuando articuladamente com o respaldo da Comissão de Cartografia em regime de colegiado.

Num plano mais alto, o IBGE se orgulha de apresentar um trabalho com excelente tratamento gráfico e impressão primorosa, reconhecido pela Organização das Nações Unidas, através da Unesco. Em média são impressos 180 documentos cartográficos por ano, com uma tiragem de mil exemplares. O Diretor da DGC, Mauro Mello, prevê para a cartografia um papel dos mais destacados na sociedade do futuro. Uma sociedade que, no seu entender, "exigirá informações e imagens instantâneas do ambiente e dos fenômenos que nele ocorrem, como única maneira de atender aos reclamos do planejamento e à dinâmica de soluções urgentes."

Foto de Hermodino Chagas

*Os últimos traços*

## Problema sério

Entre vilas e cidades, existem no Brasil 10 localidades conhecidas como São Domingos, e mais 10 como Vista Alegre. Com o nome de Santo Antônio há umas 11. Trata-se de um problema sério que cria inconvenientes para o encaminhamento de correspondência e até para a comunicação telefônica ou telegráfica, com incalculáveis prejuízos para toda a coletividade. No dia 21 de agosto de 1984 saiu uma lei especialmente elaborada para resolver este problema. Para caracterizar a importância jurídica destas cidades e decidir qual delas tem o direito de guardar o topônimo original, a DGC concluiu, em junho, um cadastro a ser encaminhado às Assembléias Legislativas, às Secretarias de Planejamento e aos órgãos geográficos estaduais.

— Estes dados — esclarece Floriano dos Reis Barbosa, Assessor-Chefe da DGC — serão criticados e devolvidos ao IBGE. À medida que os nomes forem sendo substituídos, os novos topônimos serão registrados nos documentos cartográficos. Um trabalho de fôlego, que obrigou a DGC a relacionar todas as cidades e vilas do Brasil, caracterizando sua importância e assinalando o ano de instalação da sede municipal.

Outro projeto em andamento pretende resolver as questões pendentes no que se refere aos limites municipais, como ocorre com Barra Mansa e Volta Redonda, no Rio de Janeiro, e Ilhéus e Itabuna, na Bahia. A idéia é proceder a uma revisão metodológica, definindo com mais nitidez estas fronteiras municipais, muitas vezes determinadas a partir da documentação cartográfica disponível, mas nem sempre confiável. O projeto do IBGE prevê a elaboração de um mapeamento na maior escala possível, lançando-se os limites municipais a partir da legislação existente. Em seguida, as equipes da DGC irão a campo validar o mapa, constatando ou não os erros existentes na lei e resolvendo os problemas pendentes junto às Assembléias Legislativas.

Através de outro projeto, a DGC cuida, ainda, do valor da superfície dos municípios, ou seja, tem praticamente sob sua responsabilidade a difícil tarefa de "medir" o Brasil de novo. A partir da avaliação da metodologia empregada anteriormente, foram constatados erros expressivos. A solução encontrada pela DGC foi, primeiro, fechar a área dos Estados, e depois levantar a área de todos os 4.068 municípios. Uma questão, sem dúvida, das mais delicadas, já que a área de cada município é um parâmetro para o cálculo da parcela do Fundo de Participação.

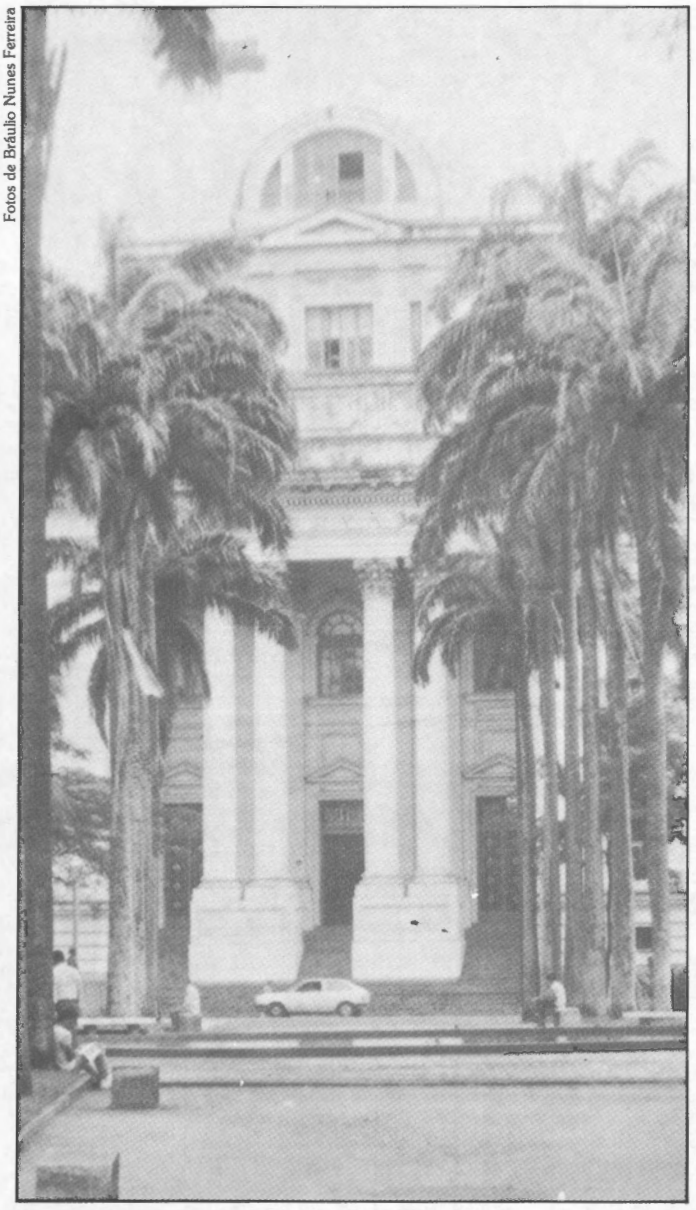
O Projeto Radam, antes sob a responsabilidade do Ministério das Minas e Energia, está hoje incorporado à estrutura do IBGE, em parte sob responsabilidade da DGC, e deverá se ocupar do levantamento de recursos naturais, com a elaboração de mapas temáticos (vegetação, geológico, geomorfológico, uso potencial do solo e outros temas afins).

A DGC ainda se impõe, pacientemente, a tarefa de responder às inúmeras cartas de pessoas que se sentem atingidas com a retirada do nome de suas cidades dos mapas impressos no Parque Gráfico do IBGE. Como se vê, é um trabalho que "não está no mapa".

# DELEGACIA DE PERNAMBUCO

## Ajudando o IBGE a revelar o perfil do País

Fotos de Bráulio Nunes Ferreira



*Na cúpula do Palácio da Justiça, o início de uma história*

*Com o tempo, a sede atual ficou pequena*

Um verdadeiro exército de 334 pesquisadores e funcionários acompanha permanentemente o comportamento dos pernambucanos diante da realidade nacional. Nossa revista apresenta a primeira de uma série de reportagens sobre o trabalho, muitas vezes anônimo, das Delegacias e Agências nas diferentes unidades da Federação.

# A história do companheiro José Rodrigues tem muito a ver com a história da Delegacia de Pernambuco

Quem o conhece há muito tempo. como o Delegado Adjunto Vicente Bento da Silva, afirma que José Francisco Rodrigues nada mudou nos seus 40 anos de trabalho no IBGE. Continua o funcionário zeloso no cumprimento de suas tarefas profissionais e um afável colega, a distribuir seu tímido sorriso a todos que por ele cruzam nos corredores da sede da Delegacia do IBGE em Pernambuco.

Não mudaram também seus hábitos de homem simples. Acorda cedo, toma o café da manhã com a família e, depois de um beijo na "patroa", caminha com passos decididos para o trabalho, deixando atrás da porta de sua casa no bairro do Arruda os problemas pessoais — que, na verdade, não são muitos.

**Novos tempos**

Antes mesmo das 7h30min, ele já está na sua sala, pronto para iniciar as atividades do novo dia. E, o que é mais importante, com o espírito de anos atrás: "Eu tenho muito amor pelo IBGE. Isto aqui é como se fosse minha família" — ele costuma dizer com indisfarçável orgulho.

Se José Rodrigues continua o mesmo, passados 40 anos de sua nomeação para a antiga Inspetoria Regional de Estatística Municipal do Recife, mais tarde incorporada ao IBGE, o Mundo mudou à sua volta. A Empresa expandiu-se e aprimoraram-se seus métodos de trabalho. A pacata cidade dos anos 40 assumiu ares de metrópole e ele se viu obrigado a trocar as caminhadas matinais em direção ao trabalho por um lugar nos ônibus que trafegam lotados pelo congestionado bairro de Boa Vista.

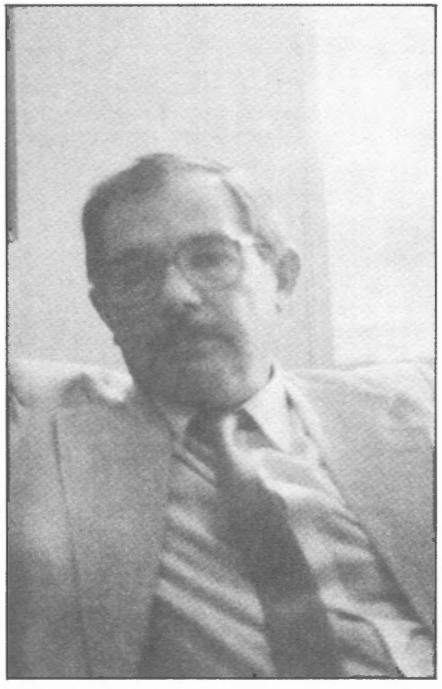
— Tudo mudou — ele reconhece — Principalmente o trabalho. Estou achando as coisas muito diferentes. Muitas reformas. Mas mudou para melhor. Aumentou o serviço e, assim, o tempo passa mais rápido. Aposentadoria? Nem pensar. O que vou ficar fazendo o dia inteiro em casa? Além do mais, ainda tenho muito a dar ao IBGE.

Sem dúvida. Principalmente o exemplo de dedicação profissional que diariamente ele transmite aos companheiros mais novos:

— Se um deles me pedisse um conselho — afirma José Rodrigues — eu lhe diria para trabalhar como eu, dando tudo de si.

Fotos de Bráulio Nunes Ferreira

*Rodrigues: "muito amor pelo IBGE"*

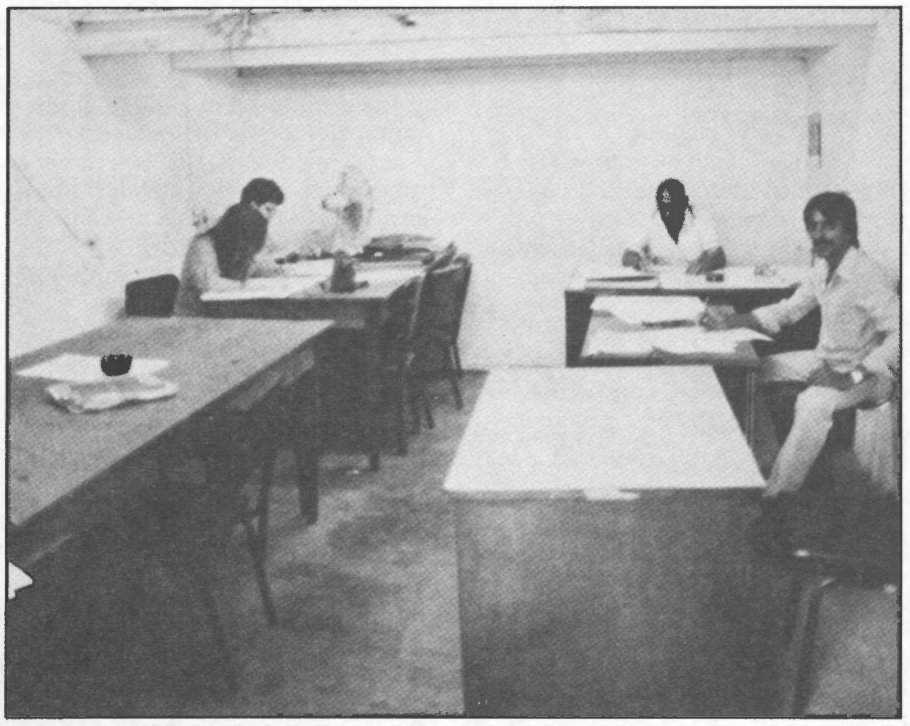


*Eribaldo: em busca de um "alívio"*

*Vicente: testemunha de uma história*

## O mais antigo funcionário da DEGE-PE tem uma dica para os companheiros mais novos: "Trabalhem dando tudo de si "

## A falta de espaço é um dos problemas que o Delegado Eribaldo de Carvalho Portela pretende solucionar com urgência



*Garagem: escritório improvisado*

*Na Agência metropolitana, o problema da falta de espaço*

## Algumas Agências, como as de Rio Formoso, Catende e Bom Conselho, não têm telefone, o que prejudica a comunicação com a sede

Na verdade, a história deste companheiro — que alia a competência profissional à habilidade no preparo de licores de frutas regionais, nas horas de folga — tem muito a ver com a própria história do IBGE em Pernambuco. No início de sua carreira na Empresa, José Francisco Rodrigues era agente recebedor, encarregado da venda de selos estatísticos para os bilhetes de cinema e outros estabelecimentos de diversão. Cresceu com o IBGE e hoje é o Tesoureiro da Delegacia.

Nossa Empresa também começou suas atividades no Estado de forma modesta, instalada precariamente na cúpula do Palácio da Justiça, nas proximidades do Palácio Campo das Princesas, antigo bairro de Santo Antônio. A falta de espaço acabou determinando sua mudança para um prédio da movimentada Avenida Dantas Barreto, onde permaneceu até 1975.

Foi neste ano que a Delegacia transferiu-se para a Rua do Hospício 387, onde está instalada sua atual sede. O crescimento explosivo, no entanto, em pouco tempo obrigou a Delegacia a procurar novos espaços. Hoje, a situação é a seguinte: a maioria dos funcionários continua na sede; a Agência responsável pela coleta nos municípios metropolitanos de Recife ocupa uma casa alugada na Rua Cardoso Aires, onde até a garagem teve de ser improvisada como escritório; o pessoal do Setor de Levantamentos Domiciliares e Diversos divide o insuficiente espaço de outro imóvel alugado, este na Rua Gervásio Pires; e, por fim, os 20 funcionários que em agosto se dedicavam à preparação da parte cartográfica do próximo Censo estão acomodados em duas salas cedidas pela Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco, num prédio vizinho à sede.

Titular da Delegacia, desde agosto passado, Eribaldo de Carvalho Portela, preocupado em encontrar uma solução para o problema, anda "de namoro" com o prédio da Reitoria, atualmente superdimensionado para as necessidades da UFP. Uma permuta, ainda que por período determinado, já seria, no seu entender, "um alívio".

Outro problema que o Delegado pretende resolver com urgência diz respeito à comunicação com

# Nossa gente de Pernambuco não teme as adversidades

Fotos de Bráulio Nunes Ferreira

*Freyre: "o IBGE une o país"*

*Oliveira: "muito bem atendido"*

## "Felizmente, aquela fase negra já passou"

determinadas agências. Algumas delas, como as de Catende, Bom Conselho e Rio Formoso, não têm telefone. Diante da necessidade de uma comunicação urgente com uma delas, apela-se para a boa vontade dos seus vizinhos, enviando recado para que o chefe da Agência entre em contato com a Delegacia.

**Mas tudo bem**

Confirmando as palavras de Euclides da Cunha, segundo as quais o sertânejo é antes de tudo um forte, o pessoal do IBGE em Pernambuco não se assusta com as adversidades. A preocupação maior é aprimorar a cada dia seus trabalhos, que têm merecido elogios de muitos usuários, entre eles o antropólogo, sociólogo e escritor Gilberto Freyre, um dos mais festejados intelectuais brasileiros.

— Existe hoje — comenta Gilberto Freyre — uma necessidade reconhecida de informação idônea, objetiva e científica. Aí o trabalho do IBGE torna-se fundamental. Eu acho que o órgão mais idôneo, mais amplo, mais experimentado para prestar estas informações é o IBGE. Nós, às vezes, nos esquecemos de que o Brasil é um verdadeiro continente. Com suas pesquisas, o IBGE favorece até mesmo a unidade nacional.

O arquiteto Hélio Oliveira, carioca que trocou o corre-corre do Rio de Janeiro pela paisagem serena de Olinda, resolveu fazer pós-graduação em Planejamento Urbano. Ele é um dos vários pesquisadores que diariamente procuram a biblioteca da Delegacia. Confessa que na primeira vez em que a ela recorreu se sentiu "meio perdido, sem saber o quê nem onde procurar":

— O pessoal do IBGE me atendeu muito bem e me orientou corretamente. Isto facilitou minha pesquisa. Tenho encontrado aqui no IBGE todos os dados que me interessam. O que lamento é a falta de uma consciência popular sobre os recursos que o IBGE coloca à disposição do usuário.

Carlos Portela, assistente do Delegado e estudante de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, tem uma história para contar. E ela nos mostra que o arquiteto Oliveira não está errado:

— Um dia, na Faculdade — relata Carlos Portela — a professora de Didática nos pediu um trabalho sobre coleta de dados. Para facilitar a pesquisa de seus alunos, sugeriu que procurássemos a Fundação Getúlio Vargas. Foi quando eu lhe informei que o IBGE, aqui em Recife, possuía uma biblioteca bem aparelhada para nos atender. Por incrível que pareça, ela desconhecia inteiramente o fato.

**Já passou**

Ao despedir-se para retornar às suas pesquisas, o arquiteto Oliveira observa:

— Bom a gente saber que atualmente os dados estão sendo divulgados com seriedade. Felizmente, aquela fase negra em que nada era difundido já passou.

Não há dúvida de que o trabalho do IBGE em Pernambuco tem facilitado a tarefa daqueles que precisam conhecer a realidade do País. Instituições como Sudene, Banco Central, Banco do Brasil, Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Administração Municipal, Instituto de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco, Instituto Tecnológico do Estado e do Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife freqüentemente recorrem à nossa Delegacia. As Prefeituras do Interior também se utilizam dos serviços das nossas agências.

Para o Delegado Eribaldo Portela, a tendência é que a "consciência popular" a que se refere o arquiteto Oliveira se desperte, pois a Delegacia está empenhada em difundir nossa Instituição em todos os cantos do Estado. Afinal, tudo mudou. Menos o companheiro José Francisco Rodrigues, que continua o funcionário dedicado de 40 anos atrás e o afável colega que, indiscriminadamente, distribui seu tímido sorriso aos companheiros que por ele cruzam nos corredores da Delegacia do IBGE em Pernambuco.

**Esta é a primeira de uma série de reportagens sobre as Delegacias do IBGE. No próximo número, você vai conhecer a Delegacia do Paraná**